

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
JORNALISMO: BACHARELADO

Julia Caroline Selzler Passos de Sá

**AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS NA CONSTRUÇÃO DE LIVROS-
REPORTAGEM:
UMA ANÁLISE DE PRESOS QUE MENSTRUAM**

Frederico Westphalen, RS
2023

Julia Caroline Selzler Passos de Sá

**AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS NA CONSTRUÇÃO DE LIVROS-REPORTAGEM:
UMA ANÁLISE DE PRESOS QUE MENSTRUAM**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Jornalismo, do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM Campus Frederico Westphalen (UFSM/FW), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Jornalismo**.

Orientador: Prof. Dr. Reges Toni Schwaab.

Frederico Westphalen, RS
2023

Julia Caroline Selzler Passos de Sá

**AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS NA CONSTRUÇÃO DE LIVROS-REPORTAGEM:
UMA ANÁLISE DE PRESOS QUE MENSTRUAM**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Jornalismo, do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM Campus Frederico Westphalen (UFSM/FW), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Jornalismo**.

Aprovada em 7 de julho de 2023:

Reges Toni Schwaab, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Dayane Barretos, Dra. (UFMG)

Mirian Redin de Quadros, Dra. (UFSM)

Angela Zamin, Dra. (UFSM)
(Suplente)

Frederico Westphalen, RS
2023

AGRADECIMENTOS

Quando comecei a trilhar o caminho para a escrita desse trabalho, eu li muitas teses, dissertações e TCCs para que me inspirasse. E o termômetro dessas leituras sempre foram os agradecimentos. Eu lia primeiro essa parte para decidir se leria o resto ou não. Pode parecer meio besta, mas, para mim, os agradecimentos é a parte do trabalho em que a pessoa pode ser sincera, onde ela pode escrever com a alma e o coração. E eu espero compartilhar um pouco da minha alma e do meu amor ao citar os motivos e as pessoas que me tornam grata.

Eu me considero uma pessoa muito comunicativa, não só porque gosto de falar, mas porque amo estar no meio de outras pessoas. Por isso, o período da pandemia foi muito difícil para mim, enquanto estudante. Eu preciso estar com outras pessoas, ver outros rostos, conversar, ouvir histórias e contar as minhas também. Minha vida sempre foi assim, pessoas, sorrisos, choros, sinceridades e conversas ao meu redor. Afirmo, então, com plena certeza de que esse trabalho tem um pouco de cada um que me rodeia.

Para ser sincera, nem parece que eu vou me formar. Na minha cabeça, existe um misto de “meu deus, já vai acabar?! Eu nem vivi tudo que tinha pra viver” e “não vejo a hora de dizer que sou jornalista mesmo”. Esses anos foram uma mistura de sentimentos. Em 2020, quando entrei na universidade, eu era uma Julia completamente diferente, uma menina ingênua e que tinha muitos sonhos. Eu dizia que ia estar no lugar do Willian Bonner, porque o jornal poderia ser apresentado por duas mulheres. Com o passar do tempo, a vida foi me moldando e mostrando que não é tão simples assim. Mas, a Julia de 2020 me lembra diariamente dos motivos pelos quais estou aqui. Me lembra - como minha mãe sempre diz - que sonhar é de graça. Me lembra do que eu, realmente, sempre quis e qual é a Julia que eu almejo.

E hoje, estou aqui, escrevendo os agradecimentos do meu Trabalho de Conclusão de Curso, e agora, da faculdade! Por isso, em primeiro lugar, gostaria de agradecer a essa Julia, que passou anos e anos sonhando com a graduação, com a jornalista que seria. Obrigada por nunca ter desistido, mesmo quando a saudade de casa batia, e por ser o motivo da Julia do presente não desistir também. Vamos chegar lá!

Agradeço também, do fundo do coração, à minha mãe, Marcia Selzler, que nunca parou de me apoiar, incentivar os meus sonhos e torcer por todos os meus voos. Ao meu pai, Julio Passos de Sá, que apesar dos pesares, me ensinou o que ser e o que não ser. Meu irmão, Julio de Sá Neto, que, mesmo bem diferente de mim, caminhou ao meu lado em todos os momentos. Sem esquecer dos meus avós maternos, o meu nono e minha nona, seu Alceu e dona Selma Selzler, por ser porto seguro, não só para mim, mas para toda a minha família. Ao meu

companheiro, Luan Felipe Peretti, que já foi colo, abrigo e afago para as minhas dores, choros e frustrações, mas que também é luz e me mantém em pé sempre. Obrigada por me explicar que lar não é um espaço, mas sim pessoas!

Agradeço ao meu orientador, Reges Toni Schwaab, que sempre muito calmo e sereno (diferente de mim), esteve disposto a me ajudar e me mostrar o caminho. Além disso, foi um dos professores que fez com que meu olho brilhasse ainda mais pelo jornalismo, junto a outras docentes que passaram pela minha trajetória acadêmica: Alice Pavanello, Angela Zamin, Luciana Carvalho e Mirian Quadros, agradeço por serem influência e inspiração para a jornalista que estou me tornando hoje.

Aos meus amigos, que vieram de diversos lugares do Brasil para cursar jornalismo na UFSM - FW e, assim, compartilharam momentos de suas vidas comigo, tornando todo e qualquer “perrengue” mais leve e fácil de lidar: Amanda Demamann, Caroline Lorenzetti, Caroline Siqueira (Carolzits), Kelvin Verdum, Leonardo Toniazzo, Lucas Postal, Maria Mariana e Giulia Cavalheiro. Muito obrigada por todas as idas e voltas do R.U., pelas gargalhadas de tirar o fôlego, pelos “momentos terapia” e, principalmente, por todas as conversas e sorrisos no centro de convivência (ah, como eu vou sentir falta disso...).

Não sei se é possível agradecer a espaços físicos, mas eu sou genuinamente grata pela existência do Laboratório de Rádio, que foi meu refúgio em muitas tardes frias e sem ter para onde correr no campus da UFSM-FW. Obrigada ao Mateus Scherer, técnico do laboratório, por sempre ter um mate pronto e prosa boa para compartilhar. Agradeço também aos meus amigos que conheci em Frederico Westphalen, para além das salas de aula da UFSM-FW: Ariel Stival, Ivan Rohrs, Fernanda Buriol, Mateus Scherer e Natalia Miranda. Obrigada por todas as rodadas de Imagem e Ação!

Gostaria muito de agradecer a minha amiga e companheira de muitos trabalhos, Luana Silva, por construir o Café com Elas junto comigo e sempre me lembrar dos meus sonhos e do que, realmente, quero para minha vida. Agradeço aos filhos dela também: o Gustavo, por todo amor e afeto, e a Malu, a criança que me ensina o que é amar alguém de forma tão genuína. Agradeço também a todos os meus amigos de Dionísio Cerqueira, os que conheci ainda no ensino fundamental e que alimentam essa amizade até hoje: Luan Corso e Laura Rauber. Obrigada por serem âncora na minha vida e torcerem pelo meu sucesso junto comigo! E as meninas que tornaram os rodeios e vivências dentro do CTG ainda melhores: Izadora Netto, Luna Silvestri, Mariana Piccinini e Milena Suriel. Muito obrigada por serem presença na minha vida.

Dizer que a vida é um livro é um dos maiores clichês que existem, mas não deixa de ser uma ótima perspectiva. E eu sempre quis ser escritora mesmo. Então, hoje finalizo mais um capítulo do livro da minha vida, cheio de desafios, choros, alguns surtos, mas também com muita alegria, risada alta e brilho no olho. A vida é muito boa de viver e eu tô ansiosa pelos próximos capítulos!

*“me levanto
sobre o sacrifício
de um milhão de mulheres que vieram antes
e penso
o que é que eu faço
para tornar essa montanha mais alta
para que as mulheres que vierem depois de mim
possam ver além
– legado”.*

Rupi Kaur.

RESUMO

AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS NA CONSTRUÇÃO DE LIVROS-REPORTAGEM: UMA ANÁLISE DE PRESOS QUE MENSTRUAM

AUTORA: Julia Caroline Selzler Passos de Sá

ORIENTADOR: Reges Toni Schwaab

Este trabalho busca compreender as práticas adotadas pelas jornalistas na escolha da pauta, do método de apuração e da escrita dos livros-reportagem, tendo como enfoque os métodos escolhidos pela jornalista Nana Queiroz, na produção do livro-reportagem *Presos que Menstruam: a brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras*. Neste estudo, trazemos um breve histórico do livro-reportagem e a diferença para o livro de repórter, além de abordar termos como pauta, método, escrita, e levantar uma discussão sobre a situação carcerária feminina no Brasil. Esta investigação trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e bibliográfico, onde utilizamos de articulações da Análise de Conteúdo (AC) para analisar o objeto de estudo e, assim, responder aos objetivos pretendidos. O processo de construção e análise dos dados se deu por meio da categorização *a posteriori* na AC, por meio de uma leitura minuciosa do livro-reportagem e, posteriormente, uma organização entre as principais temáticas presentes no objeto de estudo. A análise dos dados é dividida em quatro sub-temas, os três primeiros são destinados a categorização que organizou o livro-reportagem nos seguintes assuntos: *maternidade*, *ser mulher* e *desigualdade*. Em cada categorização, construímos os dados por meio de quadros que trazem as principais expressões utilizadas pela autora para abordar cada assunto e realizamos a análise dividindo as sentenças em consideradas positivas e consideradas negativas. Por fim, destinamos um sub-capítulo para as práticas jornalísticas adotadas na construção dos livros-reportagem, observando as práticas adotadas por Nana Queiroz, em relação à escolha da pauta e aos métodos de apuração e escrita no desenvolvimento do *Presos que Menstruam*. Com este trabalho, podemos responder a nossa problemática inicial e compreender como se dão as práticas jornalísticas na apuração e escrita de livros-reportagem. Além disso, promovemos debates sobre o jornalismo em si e a realidade da população carcerária feminina no Brasil, refletindo sobre cada relato narrado no livro-reportagem e comparando as realidades atuais, por meio de dados dos órgãos públicos.

Palavras-chave: Práticas jornalísticas. Pauta. Métodos de apuração. Escrita. Mulheres encarceradas.

ABSTRACT

JOURNALISTIC PRACTICES IN THE CONSTRUCTION OF JOURNALISTIC BOOKS:

AN ANALYSIS OF PRESOS QUE MENSTRUAM

AUTHOR: Julia Caroline Selzler Passos de Sá

ADVISOR: Reges Toni Schwaab

This work seeks to understand the practices adopted by journalists in the choice of the theme, the method of investigation and the writing of the journalistic books. Our focus is on the methods chosen by the Brazilian journalist Nana Queiroz, in her book *Presos que Menstruam: a brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras*. In this study, we bring a brief history of the concept of book of reporters and the difference to the journalistic books, in addition to addressing terms such as theme, method, writing, and raise a discussion about the female prison situation in Brazil. This investigation is a qualitative, exploratory and bibliographic research, where we use Content Analysis (CA) to analyze the object of study and thus respond to the intended objectives. The process of construction and analysis of the data took place through the a posteriori categorization in the CA, through a thorough reading of the book and, subsequently, an organization among the main themes present in the object of study. The analysis of the data is divided into four sub-themes, the first three are intended for categorization that organized the book-report in the following subjects: *motherhood*, *being a woman* and *inequality*. In each categorization, we constructed the data through tables that bring the main expressions used by the author to address each subject and we performed the analysis by dividing the sentences into positive and negative. Finally, we have dedicated a sub-chapter to the journalistic practices adopted in the construction of the report-books, observing the practices adopted by Nana Queiroz, in relation to the choice of the agenda and the methods of investigation and writing in the development of the *Presos que Menstruam*. With this work, we can answer our initial problem and understand how journalistic practices occur in the investigation and writing of books written by journalists. In addition, we promote debates about journalism itself and the reality of the female prison population in Brazil, reflecting on each report narrated in the book-report and comparing the current realities, through data from public agencies.

Keywords: Journalistic practices. Agenda. Methods of calculation. Writing. Incarcerated women.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Índice de personagem por capítulo (QUEIROZ, 2022, p. 15-16).....	46
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categoria de análise: <i>maternidade</i>	48
Quadro 2 – Categoria de análise: <i>ser mulher</i>	56
Quadro 3 – Categoria de análise: <i>desigualdade</i>	64

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O JORNALISMO NARRATIVO NO LIVRO-REPORTAGEM	17
1.1 A PAUTA JORNALÍSTICA E A INFLUÊNCIA DA SUBJETIVIDADE	22
1.2 MÉTODOS E ESCRITA	28
2 PRESOS QUE MENSTRUAM E A SITUAÇÃO CARCERÁRIA FEMININA NO BRASIL	33
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
4 ANÁLISE DOS DADOS	41
4.1 AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM LIVRO-REPORTAGEM.....	42
4.1.1 A escolha da pauta	43
4.1.2 A apuração das informações	44
4.1.3 O método de escrita	45
4.2 ENTENDENDO A MATERNIDADE ENQUANTO PERSONAGEM NA VIDA DAS INTERLOCUTORAS.....	47
4.3 <i>SER MULHER</i> E A SUBJETIVIDADE NO LIVRO-REPORTAGEM.....	55
4.4 AS DESIGUALDADES PRESENTES NA VIDA DAS PERSONAGENS.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72

INTRODUÇÃO

Em um debate sobre narrativas jornalísticas e livros-reportagem, este estudo tem como temática os métodos de apuração e de escrita jornalística adotados pelas jornalistas no processo de construção de livros-reportagem. Temos como foco o livro *Presos que Menstruam: a brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras*, da jornalista e escritora Nana Queiroz. Buscamos compreender as escolhas e as práticas adotadas por Nana Queiroz, em relação à pauta, ao método de apuração e à escrita, na construção do livro-reportagem *Presos que Menstruam*, além de levantar a discussão sobre a situação carcerária feminina no Brasil e discutir a realidade de milhares de mulheres, que têm seus direitos esquecidos e precisam passar por situações violentas e desrespeitosas. Como a autora mesma afirma: “é pelas gestantes, os bebês nascidos no chão das cadeias e as lésbicas que não podem receber visitas de suas esposas e filhos que temos que lembrar que alguns desses presos, sim, menstruam” (QUEIROZ, 2022, p. 19).

Mesmo que algumas pessoas não concordem, o jornalismo é uma área muito ampla e que abre um leque de diferentes caminhos que podem ser trilhados. Isso é visível quando começamos estudar as diversas formas de se fazer jornalismo e as práticas jornalísticas. Entretanto, é comum que as profissionais recém formadas acabem indo para veículos de comunicação mais conhecidos, como rádios, TVs, jornais impressos, e assim, para o jornalismo diário e para as coberturas cotidianas.

Tendo isso em vista, as universidades já nos preparam para ocupar esse espaço do jornalismo tradicional do dia a dia, onde existe, em grandes proporções, o que Fabiana Moraes (2022) chama de discurso da objetividade e da neutralidade. E assim, normalmente, as jornalistas iniciam sua carreira sem refletir sobre as coberturas e os recortes dos assuntos que noticiam, alimentando – mesmo que “sem querer” – um discurso que normaliza diversas questões problemáticas dentro da sociedade e que utiliza de crimes contra a mulher ou crimes de racismo, por exemplo, para ilustrar esses veículos como se fossem fatos isolados, e não reflexos de uma “cultura amalgamada [...] no cotidiano social” (MORAES, 2022, p. 194).

Sendo assim, este estudo direciona o olhar para essa realidade do jornalismo, evidenciando a prática do livro-reportagem ou livro de repórter e a participação da subjetividade no fazer jornalístico. Interessa entender como se dá a prática pelas jornalistas nos diferentes processos de construção do livro-reportagem, sendo eles a pauta, o método e a forma de escrita adotados pela profissional. Para tal discussão, partimos de uma articulação conceitual e da

apreciação analítica da obra *Presos que Menstruam: a brutal vida das mulheres – tratadas como homens – nas prisões brasileiras* (2015), escrita pela jornalista Nana Queiroz.

Como o título do livro já diz, Nana Queiroz narra a história de dez mulheres que vivem em prisões espalhadas pelo Brasil, abordando questões de classe, raça, gênero, maternidade, pressões sobre as mulheres na sociedade, sonhos, frustrações e diversos outros assuntos de extrema importância. A obra foi lançada em 2015, em um contexto em que – quase – ninguém falava sobre a realidade das mulheres encarceradas no Brasil, Nana Queiroz deu início a esse debate que nunca mais cessou – mesmo que seja por “passos de formiguinha”. Hoje, temos mais livros abordando o assunto, como *Prisioneiras*, de Dráuzio Varella, além da área acadêmica. Em uma breve pesquisa pelo *Google Acadêmico*, podemos encontrar seis trabalhos científicos sobre a obra de Nana Queiroz, produzidos nas áreas de Literatura e Letras, do Jornalismo, do Direito e também na Geografia.

Percebemos, então, a importância de ainda debater sobre essa temática e trazer à tona a realidade das mulheres encarceradas no Brasil. Até porque, a população carcerária feminina é muito grande, mesmo que não englobe as pautas jornalísticas se não for com o único intuito de alcançar o sensacionalismo. Afirmamos isso a partir dos dados da quinta edição do *World Female Imprisonment List*, levantamento global sobre mulheres encarceradas realizado pelo Instituto de Pesquisa em Política Criminal e de Justiça, que evidencia o fato de o Brasil ocupar, atualmente, o terceiro lugar no ranking de países que mais encarceram mulheres (CNN, 2022). Este número quadruplicou desde 2000 e hoje totaliza 42 mil mulheres encarceradas, resultando em uma taxa de 20 presas para 100 mil mulheres no país (CNN, 2022).

Com isso, é perceptível a relevância da temática e da obra a ser analisada para o estudo. Tendo em vista a importância da reflexão sobre as práticas jornalísticas e os assuntos que são pauta e ganham espaço nos veículos de comunicação. A reflexão também cabe ao entendimento de que o jornalismo possui vários caminhos, basta as profissionais – e as redações onde trabalham – escolher qual “trilhar”. Sem esquecer que a pauta é uma arma de combate, como afirma Fabiana Moraes (2022), e pode ser utilizada para mudar a realidade ou fomentar essa reflexão sobre as práticas e a profissão como um todo.

Sendo assim, o principal objetivo deste estudo é compreender pistas da subjetividade no processo jornalístico, da pauta, passando pelo método até a escrita, debatendo sua presença na prática das jornalistas. A discussão se tem como suporte empírico a análise da obra *Presos que Menstruam: a brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras*, de Nana Queiroz. Para isso, seguimos alguns passos como nossos objetivos específicos: 1) Debater como as grandes reportagens e os livros de repórter são construídos a partir das práticas

das/os jornalistas; 2) Ler narrativamente o livro *Presos que Menstruam: a brutal vida das mulheres – tratadas como homens – nas prisões brasileiras*, de Nana Queiroz; 3) Refletir sobre a subjetividade e as escolhas de Nana Queiroz no processo de apuração e de escrita do livro-reportagem, evidenciando sua presença no modo de construção da temática abordada.

Este trabalho classifica-se como uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e exploratória, construída por meio da *Análise de Conteúdo* (AC), que é embasada nas proposições de Bardin (2011) e Herscovitz (2008). Nos processos do estudo, o foco está na discussão narrativa do livro *Presos que Menstruam: a brutal vida das mulheres – tratadas como homens – nas prisões brasileiras*, observando as principais temáticas que surgem nos relatos do livro e também analisando a forma como as práticas jornalísticas são narradas pela autora, com foco na escolha da pauta, dos métodos de apuração e na construção da escrita.

As bases teóricas deste trabalho são apresentadas pelos diferentes temas discutidos. Para embasar as teorias de livro-reportagem, de livro de repórter e de narrativa jornalística, trazemos os pensamentos, principalmente, de Marocco (2011, 2012, 2016), Moraes (2015, 2022), Motta (2012), Resende (2005) e Schneider (2013). Quando abordamos a pauta jornalística e a influência da subjetividade, temos uma base nas ideias de Furtado (2021), Lage (2008), Moraes (2022), Traquina (2008) e Veiga (2010). Já para fundamentar as teorias de método e escrita no jornalismo, utilizamos, principalmente, Aguiar (2022), Marocco (2012, 2016), Schwaab (2021) e Silva (2022). Por fim, nas reflexões sobre o *Presos que Menstruam* e a situação carcerária feminina, são trabalhadas, principalmente, as ideias de Alves (2018), Crenshaw (2002), hooks (2018), Saffioti (2015) e Wollstonecraft (2021).

Com o entrelaçamento dessas discussões, esperamos levantar a reflexão e debate sobre as práticas jornalísticas comuns, a escolha dos métodos de apuração e escrita, além da presença da subjetividade neste processo, seja na grande reportagem como no jornalismo diário. Queremos também discutir sobre a realidade das prisões femininas no Brasil, evidenciando que, mais uma vez, a mulher encontra-se “esquecida” e que, mesmo possuindo sua liberdade judicialmente, temos correntes muito diferentes e diversas que nos prendem. Cabe, então, às jornalistas, enquanto contadores de histórias reais, como afirma Eliane Brum (2012), debater e abordar esses assuntos, trazendo a realidade e a história dessas pessoas.

No decorrer do estudo, o leitor encontrará dois capítulos centrais para compreensão do nosso referencial teórico: 1) *O jornalismo narrativo no livro-reportagem*, que traz um histórico do livro-reportagem e a diferença para o livro de repórter, além de abordar termos como pauta e os métodos de apuração e escrita existentes e adotados pelas jornalistas; e 2) *Presos que Menstruam e a situação carcerária feminina no Brasil*, no qual abordamos o principal assunto

do objeto de estudo desta pesquisa: mulheres encarceradas, discutindo as necessidades desse público e a realidade das prisões femininas no Brasil, atualmente. Depois da discussão conceitual, trazemos um capítulo exclusivamente dedicado aos procedimentos metodológicos, que explica o tipo de pesquisa que realizamos, o objeto de estudo e como desenvolvemos o gesto de análise.

Na sequência, a pesquisa traz todo o desenrolar dos dados construídos por meio da Análise de Conteúdo (AC), seguindo por sua discussão e a observação propriamente dita. Esta análise foi dividida em quatro eixos, começando pelo debate sobre as pistas da subjetividade no processo de construção de um livro-reportagem, por meio da escolha da pauta, do método de apuração e da escrita. Neste sub-capítulo, buscamos observar as práticas jornalísticas adotadas por Nana Queiroz na construção do *Presos que Menstruam*, nos voltando para o objetivo deste trabalho: a escolha da pauta, os métodos de apuração e a forma escolhida para escrever o livro num geral.

Os próximos três eixos que fazem parte da construção da análise de dados desta pesquisa são destinados a categorização temática que construímos por meio do *Presos que Menstruam*. Essas categorizações são organizadas nos sub-capítulos: 1) *Entendendo a maternidade como personagem na vida das interlocutoras*, que traz a temática da maternidade presente nos relatos das personagens; 2) *Ser mulher e a subjetividade no livro-reportagem*, debatendo as questões de gênero dentro das penitenciárias brasileiras e a presença da subjetividade ao abordar esse assunto; 3) *As desigualdades presentes na vida das personagens*, trazendo uma reflexão sobre as diversas desigualdades encontradas entre a população carcerária feminina no Brasil.

Finalizando o estudo, trazemos as considerações finais, onde amarramos todo este debate por meio dos fundamentos teóricos que trouxemos e da análise realizada. Além de responder novamente os objetivos propostos e alcançados, de forma individual, e levantar questões que ainda podem ser exploradas por meio de pesquisas científicas, envolvendo o livro-reportagem *Presos que Menstruam*. Por fim, apresentamos as referências aos livros, artigos e pesquisas utilizadas na construção deste trabalho.

1 O JORNALISMO NARRATIVO NO LIVRO-REPORTAGEM

O livro-reportagem ou a narrativa como uma forma do fazer jornalístico surge durante a Ditadura Militar no Brasil, na figura do romance-reportagem. Estes eram tidos como uma forma dos jornalistas abordarem questões que jamais iriam para os jornais, devido à censura aplicada pelo regime militar. Sabrina Schneider (2013), em sua tese *Ficções Sujas: por uma poética do romance-reportagem*, traz dois autores que discutem o surgimento do romance-reportagem e como promoveu os debates para o livro-reportagem.

Segundo Schneider (2013), Silviano Santiago, autor de *Vale quanto Pesa* (1982), afirma que só existe espaço para o romance-reportagem em épocas de censura jornalística, pois essa forma do fazer jornalístico representa uma “verdadeira” objetividade, enquanto o leitor só encontra, nos jornais, versões parciais, que seriam a “falsa” objetividade. Já Flora Süssekind, autora de *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos* (1985), declara que os romances-reportagem da década de 1970 “são, na verdade, grandes reportagens cujo único traço especial é saírem em livro e não em jornal” (SÜSSEKIND, 1985, p. 59 apud SCHNEIDER, 2013).

Sendo assim, Schneider (2013, p. 20) evidencia que esses autores “entendem o romance-reportagem como um desvio adotado pela literatura, que teria assumido um papel – o de apontar as chagas da sociedade – que os jornais estavam impedidos de desempenhar”. Tendo em vista que essas discussões aconteciam durante o regime militar (1964-1985), principalmente no período da promulgação do Ato Institucional nº5 (1968-1978). Dessa forma, Schneider (2013, p. 20) afirma que os autores citados acreditavam que, fora de uma realidade de censura e controle, “esse tipo de narrativa perderia sua eficácia e, conseqüentemente, sua razão de ser”.

Nesse sentido, percebemos a presença e a importância da narrativa desde os primórdios do romance-reportagem e depois, no formato do livro-reportagem. Não importa o termo a ser utilizado para denominar essa prática do jornalismo, mas, em todos os debates, todas as discussões, a questão da narrativa está lá. Ela pode ser entendida como uma representação, instituição ou experimentação da realidade, o que é discutido por Luiz Gonzaga Motta (2012) em *Narrativas jornalísticas e conhecimento de mundo: representação, apresentação ou experimentação da realidade?*. Pela nossa observação, o conceito da narrativa ser uma forma de experimentação do mundo cabe melhor ao que experienciamos, lemos e acreditamos, o que

não quer dizer que a narrativa não seja uma representação ou instituição da realidade. Mas, como afirma Motta (2012, p. 233):

[...] a narrativa jornalística é um caso exemplar de experimentação da realidade porque permite apreender rapidamente a complexidade do mundo imediato e configurá-lo em enredos minimamente coerentes, colocá-los a prova, instituir verdades efêmeras que serão continuamente refeitas, constituindo a instável atualidade.

Nesse sentido, acreditamos que a narrativa seja um dos principais termos dentro do jornalismo, porque independente do texto ou formato que será produzido, seja uma notícia, uma reportagem ou até mesmo um *podcast*, a narrativa estará lá de alguma forma. Podemos perceber isso, simplesmente, ao acompanhar as redes sociais. Eu, por exemplo, assisti um vídeo na rede social *Instagram*, logo ao acordar, que representava um avô admirando, possivelmente, sua neta e, nisso pude enxergar uma narrativa, uma história que poderia estar ali para ser contada. Seguindo nesta ideia – e até explicando ela –, Resende (2005, p. 87) afirma que “no contexto atual, as narrativas têm um papel relevante, primeiro porque nelas são tecidos os saberes acerca do mundo, depois porque, a partir delas, outros saberes são construídos”.

Além disso, Motta (2012) evidencia a realidade de que, atualmente, as narrativas proliferam na mídia mais que qualquer outro ambiente, isso porque elas podem estar em diferentes formatos: no audiovisual, nas séries, nas novelas, ou nos documentários, no mundo do rádio via podcasts – que vem ganhando o mundo jornalístico –, no jornalismo narrativo em reportagens ou nos livros-reportagem, em talk-shows, nas redes sociais e entre outros diversos meios de veiculação dessa prática. Assim, as narrativas ganham espaço em diferentes formatos, alcançando um número maior de pessoas que consomem esse conteúdo, e mostram-se ainda mais como uma experimentação do mundo, como afirma Motta (2012, p. 233, grifo nosso):

Reafirmo que **a narrativa continua sendo uma forma importante (se não a principal) de experimentação do mundo**. Ela nos oferece um teste coerente para a complexidade da vida, da política, da economia, das estratégias e comédias. Mais que representar, as narrativas interpessoais e midiáticas constituem intersubjetivamente a textura geral da experiência. Permitem instituir, mais provisória que solidamente, o mundo imediato, a política, a economia, a vida social. Sobrepõem-se umas às outras, interatuam, são continuamente postas à prova, refeitas e substituídas por novas narrativas. São esboços instáveis e provisórios que refazemos sem cessar. **Emaranhado de mantos superpostos que constitui a textura social e que recobre a vida de sentidos**, enredos e personagens, modelos éticos e estéticos com os quais nos identificamos ou rejeitamos.

Como vimos, a narrativa pode se apresentar em diversos formatos dentro do jornalismo, mas um deles torna-se mais recorrente e cabe a este estudo, o livro-reportagem. Schneider (2013) traz um breve histórico de como essa prática surgiu no jornalismo, após as primeiras tentativas de uma narrativa literária através do romance-reportagem. De acordo com a autora, os jornalistas perceberam que o livro-reportagem era uma forma de falar sobre

assuntos sem precisar seguir a objetividade e as “leis” do jornalismo. Além de que as grandes reportagens começaram a perder espaço nas revistas, hoje temos poucos exemplos de veículos que produzem grandes apurações, que demandam um maior tempo e dinheiro. Isso acontece, geralmente, porque, “na busca pelo extraordinário, [...] uma acusação sempre será mais ‘noticiável’ que uma defesa ou desmentido, e, portanto, ganhará mais destaque na notícia” (SCHNEIDER, 2013, p. 23). Assim, em uma época onde o jornalismo busca o sensacionalismo e a interação com as pessoas, um furo jornalístico ou um fato do cotidiano factual torna-se mais importante que pautas longas, como o incêndio na Boate Kiss - abordado por Daniela Arbex no livro *Todo dia a mesma noite* - ou até mesmo a população carcerária feminina - pauta na obra analisada neste trabalho: *Presos que Menstruam*, de Nana Queiroz.

Essa busca por pautas mais amplas e pela aproximação do jornalismo à literatura marcou a era do New Journalism, expressão que começou a ser usada no final de 1966, mesmo ano em que Truman Capote lançava sua obra *A Sangue Frio*, um dos primeiros livros-reportagem dessa era. Traquina (2005) evidencia que o “novo jornalismo” surge junto a chamada *penny press*, que marca a redução do preço dos jornais da época. Sendo assim, os jornais tornavam-se acessíveis a um novo grupo de leitores, deixando de se voltar somente à elite e aumentando a circulação das informações (TRAQUINA, 2005). Nesse sentido, Tom Wolfe (2005) também faz contribuições para esse novo jornalismo, afirmando que a ideia desse movimento era escrever fatos jornalísticos para serem lidos como romance reportagem (WOLFE, 2005, apud SCHNEIDER, 2013).

Traquina (2005) também afirma que esse movimento não surgiu de forma isolada, existe um contexto por trás de tudo. O que ocorria no século XIX, quando o positivismo reinava e “todo esforço intelectual tanto na ciência como na filosofia como ainda, mais tarde, na sociologia e outras disciplinas, ambiciona atingir a perfeição de um novo invento” (TRAQUINA, 2005, p. 51). Assim, Wolfe (2005) ainda discute o fato de que os jornalistas “estavam apenas pedindo licença para se ‘vestir’ de literatura, até que pudessem abandonar a profissão e ‘tentar para valer’” (WOLFE, 2005, apud SCHNEIDER, 2013, p. 46).

As mudanças não foram bem vistas pelo restante da comunidade, os jornalistas receberam críticas de diversos outros autores e instituições, como a New York Review of Books. Schneider (2013) afirma que o prestígio para esse “novo jornalismo” surgiu somente quando romancistas como Truman Capote e Norman Mailer começaram a escrever narrativas de não-ficção. O “novo fazer jornalismo” assustou os profissionais na época, porque ninguém jamais havia experimentado um envolvimento tão grande com a pauta e a história. Schneider

(2013, p. 47) narra esse tamanho envolvimento com a história pelos primeiros escritores da área:

Hunter Thompson, por exemplo, viajou com os Hell's Angels por dezoito meses para escrever *Hell's Angels: medo e delírio sobre duas rodas*, aventura que terminou com o jornalista californiano sendo espancado quase até a morte em uma cabana à beira da estrada. Truman Capote passou cinco anos pesquisando a história de *A sangue frio*, bem como entrevistando as duas personagens principais – os assassinos de uma família rural – na prisão, enquanto aguardavam pela execução. John Sack juntou-se a uma companhia de infantaria no treinamento e durante a Guerra do Vietnã para escrever *M. E. George*. Plimpton treinou com um time de futebol americano na posição de zagueiro reserva, chegando a entrar em campo durante uma partida, para o seu *Paper Lion*.

Dessa forma, é perceptível o tamanho do envolvimento das jornalistas nas narrativas que constroem através das histórias que encontram. Isso ocorre também porque o processo de desenvolvimento do livro-reportagem dá uma liberdade e um tempo maior às jornalistas. Ou seja, as profissionais possuem mais tempo para apuração, investigação das histórias, realização de entrevistas e, finalmente, para a escrita. Sendo assim, o livro-reportagem se torna uma alternativa para esses profissionais que se encontram nessa prática da narrativa, da investigação e apuração de histórias que demandam mais tempo e atenção. Tivemos muitos nomes no decorrer da história do jornalismo, como Truman Capote - já mencionado aqui - e, tendo os mais atuais representados por algumas figuras brasileiras, como Caco Barcellos, Eliane Brum, Daniela Arbex, Chico Felitti, Nana Queiroz etc.

Eliane Brum, por exemplo, é uma grande jornalista e colunista que já publicou diversas reportagens, seja em livros como revistas. Em entrevista para Beatriz Marocco (2012, p. 72, grifo nosso), Eliane conta como foi se constituindo e construindo jornalista.

Sou repórter há 23 anos. Então, já refleti bastante sobre por que me tornei repórter, sobre o fazer jornalístico. Hoje consigo identificar que, para mim, **o jornalista é um contador de histórias reais**. Pelo menos é como me vejo. E que ser jornalista é ser um historiador do cotidiano. Como repórteres, produzimos documentos sobre a história contemporânea. E faço o meu trabalho com essa responsabilidade muito clara na minha mente. Este é o nosso desafio: **ter a consciência da nossa responsabilidade**. Se a gente não é capaz de dar conta disso, a gente tem que fazer outra coisa.

Essa passagem da entrevista com Eliane Brum, nos faz refletir sobre o que é ser jornalista e o quanto o livro-reportagem proporciona o alcance da nossa responsabilidade, como ela mesma afirma, enquanto profissionais: ser um historiador do cotidiano e produzir documentos sobre a história contemporânea. Beatriz Marocco (2016) afirma que o livro-reportagem se caracteriza pelo estilo de escrita mais autoral e elaborado, utilizando de técnicas literárias, além de demandar de uma investigação exaustiva sobre uma pauta e/ou acontecimento. Entretanto, a autora não acha que o livro-reportagem traz grandes evoluções no

fazer jornalístico. Para Marocco (2011 e 2016), a (r)evolução do jornalismo está no *livro de repórter*.

O livro de repórter, segundo Marocco (2011, p. 121), se trata de um tipo de texto que se utiliza do jornalismo para elaborar outros textos que trazem o “desvendamento de certos modos de fazer jornalismo, ou a crítica dos mesmos”, onde a jornalista faz um exercício de interpretação sobre o que é considerado norma no jornalismo, seja em suas práticas, como também no espaço acadêmico. Além de Marocco (2011), muitas autoras e autores utilizam do termo livro de repórter e discutem sobre isso em suas obras.

Diferente de outras narrativas, o livro de repórter traz essa reflexão crítica das práticas do jornalismo, se diferenciando do que Neveu (2006, apud Marocco, 2011) chama de livros escritos por “estrelas da profissão”, “que contribuem para uma visão encantada do jornalismo, de suas funções democráticas e de seus poderes” (NEVEU, 2006, apud MAROCCO, 2011, p. 121). Marocco (2016) traz o termo livro-reportagem para a discussão novamente, afirmando que o que difere o livro de repórter do livro-reportagem é o fato de que o segundo não faz uma crítica ao jornalismo e às práticas jornalísticas, além da narrativa, como o primeiro (MAROCCO, 2016). A autora ainda complementa a discussão:

Desde este fazer que resiste, na reportagem ou nos livros, e que não pertence a estas categorias, os repórteres dão consistência ao ‘livro de repórter’. Entre os exemplares que manuseamos e que formaram uma coleção, havia uma outra afinidade: foram escritos por jornalistas que se destacaram na função de repórter em mídias jornalísticas e que não restringiram o livro a um suporte da reportagem (MAROCCO, 2016, p. 101).

Com isso, compreendemos a existência de livros-reportagem e livros de repórteres¹, além da diferença que os dois possuem. Entretanto, mesmo o livro-reportagem não realizando essa crítica às práticas jornalísticas, não deixa de ser um texto do jornalismo e trazer à tona diversas histórias do nosso dia-a-dia, ou seja, quem o produz não deixa de ser um historiador do cotidiano, como afirma Eliane Brum (em entrevista para MAROCCO, 2012). Além de que conseguimos perceber a importância do livro de repórter, pois é necessário que exista essa reflexão sobre as práticas “comuns” do jornalismo.

Em contrapartida, o que não podemos negar é que tanto o livro-reportagem quando o livro de repórter abre espaço para diferentes pautas e histórias que, dificilmente, entrariam em algum jornal ou revista maiores. Sendo assim, como menciona Schneider (2013), é comum vermos a publicação dessas obras seguindo diferentes caminhos do jornalismo, sejam publicadas por autores consagrados na área, como por uma nova geração que surge com muitos

¹ O Presos que Menstruam caracteriza-se como um livro-reportagem, pois não traz reflexões e críticas sobre as práticas jornalísticas, comum no livro de repórter, de acordo com Marocco (2011 e 2016).

nomes ainda pouco conhecidos. Isso acontece porque as profissionais que escolhem trilhar este caminho dos fazeres jornalísticos, muitas vezes, aparentam buscar formas de “escapar” do discurso da objetividade e neutralidade, colocado como a “norma padrão” do jornalismo.

A jornalista e escritora, Fabiana Moraes, critica esta “norma” do jornalismo, tanto em *O Nascimento de Joicy* (2015), como também em *A Pauta é uma Arma de Combate* (2022). Em ambas as obras, a autora aborda a importância da reflexão e das críticas às práticas jornalísticas, mencionando a relevância da subjetividade nesse espaço. Moraes (2022, p. 22) considera esse discurso da objetividade, da clareza, da transparência e da neutralidade como uma forma de “amolar a faca” dentro das áreas do jornalismo e no processo das práticas jornalísticas. Além disso, a autora já afirmava, em 2015, que

é preciso pensar em um jornalismo que se utilize, sem constrangimentos, da subjetividade, reconhecendo-a como um ganho fundamental na prática da reportagem e mesmo na notícia cotidiana. Nele, são considerados, e não negados, os elementos que escapam da ‘rede técnica’ dessa área de conhecimento (MORAES, 2015, p. 159).

Nesse sentido, já percebemos a relevância da subjetividade nas práticas jornalísticas e no jornalismo num geral, o que iremos abordar e refletir muito durante os capítulos deste estudo. Além de percebermos que, quando se trata da realidade jornalística, o discurso da objetividade pode “cair por terra”, mas, mesmo assim, é preciso seguir caminhos diversos para “fugir” dele. Finalizo, então, esta primeira abordagem do jornalismo narrativo e livro-reportagem com os pensamentos de Sabrina Schneider (2013), que vai ao encontro do que estamos debatendo: “talvez o romance-reportagem, tal como era produzido por autores como José Louzeiro, fosse fruto não da censura política direta, mas da censura invisível do campo jornalístico e da ditadura da objetividade” (SCHNEIDER, 2013, p. 49).

1.1 A PAUTA JORNALÍSTICA E A INFLUÊNCIA DA SUBJETIVIDADE

Apesar de um dos conceitos mais importantes e utilizados no jornalismo, a pauta não é assunto de muitas pesquisas e dificilmente é encontrada em debates sobre as teorias do jornalismo. Isso foi algo que percebemos durante a pesquisa, mas que também é discutido por Fabiana Moraes (2022), na obra *A pauta é uma arma de combate*. A autora conta que quando iniciou a escrita do livro, buscou mais fontes sobre a pauta em específico, porém percebeu que a tarefa seria mais árdua do que imaginava. Ao se deparar com poucos textos sobre o assunto, buscou docentes da área que conhecia e encontrou o que já havia visto em suas pesquisas: “não há muito material discutido, teorizado, chacoalhado sobre pautar e se pautar, sobre as escolhas

e caminhos elegidos na constituição do produto noticioso e o que essas escolhas e caminhos revelam” (MORAES, 2022, p. 173).

Com os resultados encontrados (ou não), Fabiana Moraes (2022, p. 173) realizou uma pesquisa no Twitter, de forma informal e com o objetivo de “medir a temperatura do tema”, em outubro de 2021. Ela direcionava uma questão especificamente às jornalistas: “*o que é pauta para vocês?*”. Das vinte respostas que obteve, a maioria girava em torno de “direcionamento”, “roteiro”, “recorte” e “guia”, enquanto algumas questões como posicionamento, regionalidade e subjetividade também eram citadas, mesmo que em menor número (MORAES, 2022). Com isso, a autora percebeu que a pauta é um tema que possui dificuldade de ser explicado, mesmo que perguntado a profissionais experientes. Mas, segundo ela, “bastava tentar defini-la para que suas nuances se apresentassem e a mostrassem como um assunto que merece mais a nossa atenção” (MORAES, 2022, p. 173).

Dessa forma, cabe buscar teóricos que, mesmo em poucas páginas, explicam de forma rápida o que é a pauta. Thaís Furtado (2021) explica que a pauta é utilizada além do jornalismo, sendo um termo usado para se referir ao assunto de alguma reunião, encontro ou até mesmo palestras. A autora afirma que “a pauta jornalística é uma proposta, ou o planejamento da produção de uma notícia, uma reportagem, ou uma cobertura jornalística mais ampla” (FURTADO, 2021, p. 25). Furtado (2021) ainda utiliza de alguns teóricos para explicar e exemplificar os usos da pauta jornalística, contribuindo para o livro “Tópicos em jornalismo: redação e reportagem”, utilizado na formação de jornalistas.

Um desses teóricos é Nilson Lage (2008), que levanta um debate sobre a temática. Segundo o autor, a instituição da pauta como um procedimento padronizado é algo bem recente, mesmo que os veículos impressos já fizessem um planejamento de suas edições. Elas surgem através das revistas, porque essas não possuem o compromisso de cobrir todos os assuntos da sua abrangência, como os jornais impressos e, assim, podem abrir mais espaço para pautas diversas (LAGE, 2008). Lage (2008) ainda traz um breve histórico sobre essas revistas e de onde surgem as tão famosas “reuniões de pauta”, que são reuniões onde reúnem-se a equipe de redação de um veículo jornalístico para levantar e discutir possíveis pautas para as notícias e reportagens que irão sair naquele período. Nessas discussões, além dos jornalistas, temos outras figuras importantes dentro da redação, que irão decidir e distribuir as pautas através do valor-notícia de cada uma - o que iremos abordar logo mais.

Segundo o autor, a revista americana Time foi uma das pioneiras no seu gênero e uma das primeiras a se organizar como indústria de informação, que realiza semanalmente sua reunião de pauta, desde o século XX, onde as matérias são programas em relação aos fatos que

serão apurados e a orientação do texto (LAGE, 2008). Nesse sentido, Lage (2008, p. 34) também discute a aplicação da pauta e, segundo ele, ocorre em duas situações distintas:

a) o planejamento de uma edição ou parte da edição (nas redações estruturadas por editoriais - de cidade, política, política, economia etc.), com a listagem dos fatos a serem cobertos no noticiário e dos assuntos a serem abordados em reportagens, além de eventuais indicações logísticas e técnicas: ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho, sugestões de fontes etc. b) cada um dos itens desse planejamento, quando atribuído a um repórter. Ele dirá: "a minha pauta", quer a tenha recebido como tarefa, quer a tenha proposto (o que é comum, particularmente com free lancers).

Furtado (2021) vai ao encontro aos pensamentos de Lage (2008), ou até mesmo os complementa, afirmando que a pauta é como um planejamento de todas as tarefas dos repórteres, organizando o trabalho e as despesas necessárias para a sua realização. Assim,

Se uma pauta específica exige que o repórter faça uma viagem, por exemplo, todo o custo desse deslocamento precisa ser previsto. Além disso, a pauta de uma edição de um telejornal, por exemplo, garante que haverá material suficiente e atualizado para que ele esteja no ar na hora certa. A mesma lógica serve para os outros meios. Cada repórter fica responsável por uma ou mais pautas dessa listagem que é organizada nas redações de acordo com a periodicidade de cada veículo (FURTADO, 2021, p. 25).

Além disso, para que uma pauta seja abordada em uma matéria jornalística, normalmente o jornalista terá que evidenciar a importância para a publicação. Essa relevância de pautas, seja para notícias ou reportagens, gira em torno do *valor-notícia*, o que é muito discutido e abordado durante a graduação em jornalismo. Segundo Traquina (2008), o acadêmico italiano Mauro Wolf apontou a presença dos valores-notícia ao longo de todo o processo de produção jornalística, seja durante a seleção dos acontecimentos como também no processo de construção da notícia. Sendo assim, Wolf levanta uma divisão de valores-notícia, o que Traquina (2008) já idealizava: os valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção.

Os valores-notícia de seleção estão ligados a escolha dos assuntos e das pautas que as notícias irão abordar. Traquina (2008) evidencia alguns termos que giram em torno desse valor-notícia, ou seja, para uma notícia ter repercussão, ela precisa de uma pauta que tenha, principalmente, notoriedade, proximidade em termos geográficos e culturais, relevância e novidade dentro do público para o qual é destinada e deve ser atual, estar ligada a algum acontecimento factual. Exemplificando esses termos, Traquina (2008, p. 79) afirma que “podemos dizer que todos nós seremos notícia pelo menos uma vez na vida - no dia seguinte à morte, ou nas páginas interiores ou com destaque na primeira página. [...] Dependerá, em grande parte, da nossa notoriedade”.

Já os valores-notícia de construção estão diretamente ligados à elaboração da notícia, seguindo alguns passos para que seja notada por um maior número de pessoas. Dessa forma,

Traquina (2008) também levanta alguns termos que auxiliam no alcance dessa notabilidade. Ou seja, para a notícia ser notada e compartilhada, precisa cobrir acontecimentos que não sejam complexos, que possuem uma “amplificação” (alcancem um número maior de pessoas), personalização, dramatização ao contar sobre o fato, relevância e consonância, que traz a lógica de que “quanto mais a notícia insere o acontecimento numa ‘narrativa’ já estabelecida, mais possibilidades a notícia tem de ser notada” (TRAQUINA, 2008, p. 93).

Sendo assim, os pensamentos de Lage (2008) somados a Traquina (2008) trazem a ideia clara de que para um assunto qualquer tornar-se uma pauta, ele precisa ser importante para a população num geral e, principalmente, para quem o escolhe. Até porque, quando estamos dentro de uma redação, não é somente a jornalista que decide a pauta que irá abordar. Normalmente, cada editoria dos veículos de comunicação prepara sua pauta, mas, em muitas ocasiões, essa decisão fica para o editor ou para o pauteiro (LAGE, 2008), cargos geralmente ocupados por homens. Dessa forma, a jornalista possui pouca autonomia para escolher sobre o que irá falar e, quando escolhe, precisa ter muitos argumentos para convencer esses editores ou pauteiros.

Quando estudamos os teóricos do jornalismo e o que sempre se acreditou sobre as práticas, normalmente encontramos definições objetivas, mas a pauta não se trata apenas de objetividade, até porque qualquer ser humano vai preferir abordar o que é importante para si. Fabiana Moraes (2022) comenta sobre a participação da pesquisadora Marcia Veiga como interlocutora na construção de sua obra, que, em uma mensagem de áudio, fez um comentário sobre este assunto:

A pauta é elemento objetivo da prática jornalística, mas, como todos os componentes da prática, é feita a partir também de traços subjetivos, pensando na ideia da subjetividade no plano dos valores. Pensamos essas coisas em separado, mas elas se perpassam, se atravessam. Uma elaboração teórica precisa complexificar, não compartimentar, elementos que compõem um mesmo produto e prática. A pauta vai englobar uma série de elementos que a constituem e a tornam maior do que um manual pode falar e descrever (VEIGA, 2021, apud Moraes, 2022, p. 175).

Além do comentário de Marcia Veiga, que explica exatamente a presença da subjetividade na pauta jornalística, outro pesquisador que também percebeu isso foi Nilson Lage. Com a pauta tornando-se totalmente necessária nas redações brasileiras após os anos 70, Lage percebeu posicionamentos parcialmente explícitos e de correntes diferentes nas publicações (MORAES, 2022). Sendo assim, conseguimos perceber que as pautas podem ser um espelho do quem a escolhe ou seleciona acredita, e nas palavras de Fabiana Moraes (2022, p. 176): “seguem perspectivas específicas e estão carregadas de sentido, ainda que textos teóricos as entendam tantas vezes como instrumentos objetivos e, portanto, apolíticos”.

Sendo assim, para um editor aprovar uma pauta a ser abordada na edição do jornal ou revista, ele terá influência de suas próprias crenças e ideologias, mesmo que esses pensamentos sejam um tanto conservadores. Veiga (2010, p. 134-135) afirma que, muitas vezes, as visões de mundo dos interlocutores e das pessoas na redação apareciam como parte dos valores-notícia e, assim, “a subjetividade no processo seletivo desvelara-se pela manifestação do gosto pessoal como justificativa de seleção de uma pauta”.

Marcia Veiga (2010) ainda conta que a primeira vez em que percebeu essa influência do gosto pessoal para a seleção das pautas foi enquanto aguardava o início da reunião de pauta do jornal onde trabalhava. Durante a escrita do texto, a autora volta ao dia e narra o acontecimento:

[redação, ilha Semanário] Perguntei para Kauã se ele havia recebido meu e-mail com uma sugestão de pauta. Ele disse que não, e pediu que eu mandasse novamente porque ele podia ter deletado. Eu havia mandado para Kauã, no dia anterior, uma **matéria sobre um casal de lésbicas que tinha tido uma filha biológica**, num caso inédito de reprodução surgida a partir da fecundação do óvulo de uma das parceiras que foi gerado no corpo da outra. O assunto estava sendo muito discutido na mídia nacional, então encaminhei para Kauã. Pergunto para ele se posso utilizar um dos computadores da empresa para reenviar o e-mail e ele concorda. Envio. Quando ele abre o e-mail e vê do que se trata, diz: *a palavra é não. Não gosto disso! E deleta a mensagem*. Fiquei meio atônita com a forma como ele reagiu, pois ele pareceu realmente incomodado com o tipo de assunto, manifestando o desgosto inclusive na entonação da voz e na expressão do rosto. De todo modo, foi uma pista sobre o tipo de assunto que parecia incomodá-lo (DC, 17/03/09) (VEIGA, 2010, p. 134-135, itálico e grifos da autora).

Com esse relato de Veiga (2010), é perceptível o quanto as ideologias e o que acreditamos influenciam na nossa própria tomada de decisões. Assim, a teoria de que o jornalismo sempre é objetivo e imparcial em relação às diversas temáticas que aborda, cai por terra. Nessa perspectiva, Moraes (2022) discute sobre possíveis diferenças entre modos de propor e pensar a pauta, sem que exista uma divisão entre elas. Ou seja, a pauta pode tanto ser vista a partir de uma condição instrumental, como também reflexiva (MORAES, 2022, p. 193). Dessa forma, a autora classifica a pauta em busca de apontar diferentes dimensões do tema, denominando-a de pauta-roteiro e pauta-ação.

a) Pauta-roteiro

A pauta-roteiro está mais ligada ao jornalismo diário, ou seja, às notícias e coberturas mais rápidas dos acontecimentos, como “inaugurações, coletivas de imprensa, campeonatos, acidentes, desastres naturais etc” (MORAES, 2022, p. 193). Essa classificação pode cobrir tanto eventos programados quanto não programados, mas é algo que vem antes do repórter, antes da

própria escolha da profissional, “que recebe as pautas como incumbência do dia ou de acordo com a periodicidade/plataforma do veículo” (MORAES, 2022, p. 193-194).

A pauta-roteiro pode vir do público também, que envia temas diversos para os veículos de comunicação. E pode ou não ter liberdade para uma amplificação maior do tema abordado, pois isso geralmente está ligado ao interesse do veículo, à atenção do repórter, ao espaço que possui para publicação, ao tempo disponível para apuração etc (MORAES, 2022). Seguindo nesta discussão e, talvez, explicando como esses fatos ocorrem, Moraes (2022, p. 194) evidencia que por muito tempo, os veículos utilizaram dos casos de crimes contra a mulher e crimes de racismo “como se fossem fatos isolados, e não reflexos de uma cultura de morte amalgamada (e naturalizada) no cotidiano social”.

Sendo assim, mesmo que a pauta-roteiro se volte ao dia a dia do jornalismo e às publicações rápidas e factuais, também é espaço para a reflexão das práticas jornalísticas e dos temas abordados. Seguindo a discussão do tema e encerrando esse pensamento, Moraes (2022, p. 194) afirma:

[...] a pauta-roteiro serve também como uma espécie de índice de algo maior que pode ser investigado. É um engano achar que a pauta-roteiro, por suas características, não apresenta espaços para a ação reflexiva da jornalista [...] nas coberturas diárias, as repórteres também precisam se perguntar sobre seus critérios de escolhas cotidianas e os recortes outrofóbicos impregnados neles.

b) Pauta-ação

A pauta-ação, em contrapartida, é mais comum em reportagens, devido ao tempo maior para apuração e investigação dos fatos que oferece, e demanda um enquadramento reflexivo na produção dos textos a serem publicados (MORAES, 2022). Dessa forma, Moraes (2022) afirma que boas reportagens podem surgir de diferentes pontos de partida, como algo que parecia ser apenas uma cobertura factual e revela questões importantes a serem abordadas, de denúncias feitas aos profissionais por alguém anônimo ou por uma instituição ou, talvez, de algum desastre natural ou evento inesperado que revela questões relevantes e pouco conhecidas.

As reportagens também podem nascer de um olhar curioso da profissional a um diferente ângulo do mesmo lugar ou de algum assunto ou vivência que essa jornalista já experienciou ou conheceu. São diversas pautas que constroem uma boa reportagem, às vezes surgem através de uma conversa informal, como foi o caso de Nana Queiroz ao escrever *Presos que Menstruam*, ou de uma curiosidade e preocupação sobre algo do próprio cotidiano. Mas, muitas vezes, também podem surgir a partir de questões que nos incomodam, a partir de violências que não queremos “deixar passar” e, assim, como uma forma de evidenciar a realidade e caminhar buscando a esperança de soluções e dias melhores.

Nesse sentido, Moraes (2022, p. 195-196, grifo da autora) reitera:

[...] excelentes reportagens nascem, também, **de uma interação reflexiva da jornalista com o seu entorno, do olhar atento ao que parece posto, natural, comum e mesmo besta**. Nascem a partir de uma mirada que procura desnaturalizar e que busca o extraordinário, perspectiva que articulo a partir de uma apropriação específica. Ela entende que as naturalizações de nossas violências têm, por exemplo, cor, classe, gênero. Essas violências fazem parte do que se tornou comum, ordinário.

Desse modo, a pauta-ação dá liberdade à/ao profissional de abordar assuntos que podem levar dias, meses ou anos para serem apurados e refletidos. Até porque, ela oferece um tempo maior de produção da reportagem, além da maturação do tema e, depois, a investigação, escrita e edição (MORAES, 2022). Assim, Moraes (2022, p. 196-197) afirma que a pauta é um instrumento de ação da jornalista e, quando direciona seu olhar aos assuntos adormecidos e silenciados, “passa a ser também uma tecnologia, uma ferramenta hacker, ao passo que também pode promover a desestabilização de percepções hegemônicas”.

Nesse sentido, percebemos que quando há uma discussão sobre a pauta e as diferentes formas de aplicá-la, é necessário que possamos levar esse debate além das fronteiras da grande reportagem e da busca por uma liberdade maior na escrita, precisamos entrar nos jornais diários e discutir a relevância da reflexão sobre a “escolha” das pautas e a importância que terá dentro de uma sociedade. Finalizamos, então, esta parte do trabalho com uma citação de Moraes (2022, p. 196, grifo nosso) que explica perfeitamente a relevância deste debate:

[...] essa posição reflexiva não é um luxo possível apenas na pauta que estrutura grandes reportagens: ela precisa ser levada à cobertura diária, aquela mais ‘povoada’ pela pauta-roteiro. Não precisamos, reitero, de um tempo estendido para deixar adotar posturas e discursos outrofóbicos, racistas, sexistas, redutores. **Não precisamos do tempo estendido para entender que o jornalismo precisa contribuir para desarticular aquilo que ele ajudou a talhar e desumanizar.**

1.2 MÉTODOS E ESCRITA

Quando falamos sobre métodos e práticas, tanto no processo de apuração quanto na escrita, dentro do espaço do jornalismo, facilmente encontraremos diversos caminhos e meios para chegar num mesmo “fim”. Cada profissional da área possui a sua forma de fazer jornalismo, ou seja, tem um método para apurar as informações e o seu modo de construir a narrativa e a escrita, tanto em livros de repórter quanto no jornalismo do cotidiano. Mesmo que na graduação de jornalismo, possamos aprender formas do fazer jornalístico, é comum que os profissionais recebam dicas e sejam direcionados a diferentes caminhos com figuras importantes nas suas trajetórias dentro das redações, rádios, TVs, entre outros veículos.

Silva (2022) traz algumas explicações sobre a apuração jornalística e os caminhos que podemos trilhar. A autora afirma que a apuração jornalística é um conjunto de práticas e procedimentos que faz com que a jornalista realize a captação e a checagem de informações (SILVA, 2022). Silva (2022, p. 28) ainda menciona que

A forma mais abrangente ou mais restrita através da qual cada jornalista recorre às diferentes formas de captação de informações (contato com fontes e referências diversas, realização de entrevistas, pesquisa a documentos e dados, observação in loco) condiciona o conteúdo final produzido e as possibilidades de compreensão e interpretação por parte dos públicos.

A autora evidencia em seu texto que não existe uma receita indicando qual o percurso e as escolhas que cada jornalista deve tomar durante a apuração das informações, “mas é certo que a qualidade de uma matéria jornalística, do ponto de vista informativo, ético e estético, implica um cuidadoso e rico trabalho de pesquisa e apuração” (SILVA, 2022, p. 38). Assim, Silva (2022) identifica a grande importância de uma pesquisa prévia ou pré-apuração como método de construção de uma matéria jornalística. Ela chama essa pesquisa como uma “prospecção da pauta”, afirmando que

A pesquisa prévia é a base para a elaboração bem fundamentada dos tópicos centrais da pauta e para orientar a etapa da apuração propriamente dita. Ela permite conhecer melhor o assunto, contextualizá-lo, identificar diferentes entendimentos a respeito, e justificar a relevância da pauta; descobrir pessoas que entendem do assunto e mapear fontes diversas; delimitar e garantir uma abordagem diferenciada, que não se limite a repetir enfoques já dados (SILVA, 2022, p. 32).

Schwaab (2021) também levanta alguns métodos importantes na apuração jornalística para a composição de matérias e reportagens. Para ele, a entrevista é um método relevante neste processo jornalístico, pois “quando realizamos entrevistas, aspectos do nosso método estão próximos de outras áreas” (SCHWAAB, 2021, p. 63). Além de estar presente no cotidiano de diferentes campos, “uma entrevista pode combinar o frescor de um encontro casual, a entrega de uma conversa aberta e o rigor de uma investigação metódica, sempre, alicerçada em uma atitude cooperativa, pois depende de ambos: personagem e jornalista; entrevistado e entrevistador” (SCHWAAB, 2021, p. 61).

Como Silva (2022), Schwaab (2021) também evidencia que toda prática jornalística necessita de escolhas, como as fontes que iremos ouvir ou o que iremos perguntar. Entretanto, a entrevista sempre estará presente, seja na produção de notícias, reportagens, podcasts ou coberturas audiovisuais. Assim, Schwaab (2021, p. 68) afirma que

A entrevista ou as sucessivas entrevistas caracterizam a rotina de toda a vivência de apuração. Ela não tem a existência determinada pelo momento de sua realização; sua semente está na preparação; seu florescimento começa no instante no qual o encontro tem lugar; e ela não acaba ao desligarmos o gravador ou ao fecharmos o bloco de notas. A entrevista está mesclada ao processo completo que resultará no texto a ser

publicado. Seu desenvolvimento como método, assim como sua expressão estética, exige a comunhão entre a observação, a escuta do outro e a escrita.

Beatriz Marocco (2012), na obra *O jornalista e a prática*, realizou entrevistas com diversos profissionais do jornalismo e a primeira pergunta das entrevistas sempre foi voltada a como e com quem essa/e jornalista aprendeu a fazer jornalismo. Com isso, podemos perceber a importância que algumas figuras podem ter na construção de grandes profissionais, como Eliane Brum e Caco Barcellos. A autora afirma que uma das conclusões com as pesquisas e entrevistas na construção do livro foi que “alguns jornalistas podem ser considerados pontos estratégicos neste processo” (MAROCCO, 2012, p. 7).

Dessa forma, Marocco (2012) evidencia que esses jornalistas foram reconhecidos como “relés”, que nada mais é uma definição para explicar que foram “dispositivos que deram condição de possibilidade para partida de outros jornalistas, assim como, com o seu conhecimento, nos possibilitaram entender as práticas, pensar sobre elas, ensaiar os movimentos iniciais de uma teoria das práticas” (MAROCCO, 2012, p. 7-8). Além disso, esses profissionais podem contribuir na formação dos jornalistas mesmo fora das redações, o que acontece por meio dos livros de repórter, que evidenciam o que pode ser mudado dentro do jornalismo e como fazer isso (MAROCCO, 2012).

Marocco (2012, p. 8) ainda menciona que um caso comum é o de Caco Barcellos, “que contribuiu com a pesquisa, mas por força de seu contrato não pode figurar como autor em publicações que não sejam as dele”. Além de Caco, temos a importância de Fabiana Moraes e Eliane Brum nessas contribuições, autoras que debatem o fazer jornalismo e as práticas jornalísticas em todas suas produções. Fabiana Moraes, por exemplo, faz isso em suas duas obras mais famosas: *O Nascimento de Joicy* (2015) e *A Pauta é uma Arma de Combate* (2022) – ambas já foram mencionadas e apresentadas neste estudo. Já Eliane Brum, além de todas as suas publicações, vive exatamente tudo que defende. Isso pode ser visto em sua entrevista para Pablito Aguiar (2022), no livro *Almoço: uma conversa com Eliane Brum*, onde ela conta que sempre acreditou e afirmou que a Amazônia era o centro do mundo e, assim, para que ela pudesse narrar as histórias desse lugar, deveria viver lá e estar no meio de tudo que vê e conta.

Nesse sentido, trago aqui exatamente o que Eliane Brum comenta para Pablito Aguiar (2022):

Eu escolhi vir pra Altamira, porque eu sempre defendi, assim como outras pessoas, que a Amazônia é o **centro do mundo**. E isso não como retórica. Mas porque nesse momento que a gente vive de colapso climático e da sexta extinção em massa de espécies, os enclaves de natureza, os suportes de vida, como as florestas tropicais e os oceanos, **são** os verdadeiros centros. Então em 2016, quando eu andava por aqui, por alguma razão me dei conta: se digo que aqui é o centro do mundo, por que eu, como jornalista, não estou no centro do mundo? (AGUIAR, 2022, p. 64-65, grifo do autor).

Eliane Brum contribui para a formação dos jornalistas ao seu redor com questões que, para mim, são as mais importantes: conhecer o espaço onde a narrativa é contada, viver – nem que seja minimamente – e tentar compreender as experiências dos interlocutores da história. Além disso, a jornalista ainda evidencia, em entrevista para Beatriz Marocco (2012), a importância do olhar e da escuta no fazer jornalístico, afirmando que ambos são os instrumentos mais importantes para um jornalista. Com isso, Eliane ainda comenta sobre o seu método de apuração e realização de entrevistas:

Eu me considero uma escutadeira da realidade. Hoje, inclusive, quase não faço perguntas. Claro, tem matérias e tem matérias, e cada uma delas tem exigências diferentes, mas nos últimos anos comecei a perceber que as perguntas já são uma forma de controle. Então, em geral, quando posso, chego para as pessoas e digo: “Me conta.” – e o que ela me conta primeiro, e como ela me conta, é uma informação importante, que não saberia se tivesse feito a primeira pergunta (MAROCCO, 2012, p. 76).

Assim, fica ainda mais evidente o fato de que cada jornalista possui os seus métodos de apuração e escrita, mesmo que sejam diretamente influenciados por figuras importantes que passaram por sua trajetória profissional. Afirmamos isso porque aprendemos na graduação que é de extrema necessidade se ter um roteiro de perguntas para uma determinada entrevista, e aqui percebemos que Eliane Brum, uma grande jornalista, muitas vezes não utiliza disso, porque acredita que pode engessar a entrevista.

Entretanto, nem sempre as jornalistas possuem essa liberdade plena de escolher os métodos pelos quais irão apurar, entrevistar e construir sua escrita. Como já mencionamos, nas redações, geralmente, as pautas são distribuídas entre as profissionais, o que não é diferente para o modo de se fazer cada matéria. Marocco (2012) ainda traz a entrevista com Marta Gleich, diretora de redação da Zero Hora, em Porto Alegre/RS. Marta conta que recebia duas ou três pautas por dia, “era um papelzinho rasgado nas pontas, que continha o assunto, o modo de fazer, o enfoque e as pessoas que deveriam ser ouvidas” (MAROCCO, 2012, p. 8), e ainda afirma que este método da redação onde trabalhava era ótimo, porque “dava o caminho das pedras”. Sendo assim, sempre haverá pessoas que concordam e que discordam dos métodos com que o jornalismo pode ou não ser feito.

Com isso, Marocco (2016) debate, em sua obra “Ações de resistência no jornalismo: ‘livro de repórter’”, sobre *o bom jornalismo*. A autora traz comentários de outras jornalistas sobre o que seria esse *bom jornalismo* e afirma que “além de reconhecer o pertencimento a uma época, os jornalistas formaram um solo heterogêneo em sua dispersão, ou seja, eles reconheceram o que se pode considerar os jornalismo, que colocam em tensão o ‘bom’ e o ‘mau’ jornalismo” (MAROCCO, 2016, p. 35).

Marocco (2016, p. 35) ainda evidencia que, para Eliane Brum, “o jornalismo é tão substantivo que não precisa de adjetivos” e, assim, podem existir exemplares tanto do bom quanto do mau jornalismo. Além disso, a jornalista ainda comenta que o “bom” jornalismo é aquele que entende que a realidade é mais complexa do que aquilo que é dito e escrito por repórteres que seguem o jornalismo declaratório, ou seja, profissionais que se deixam seduzir por engajamento e divulgam denúncias mal apuradas (MAROCCO, 2016).

Nesse sentido, percebemos que cada profissional pode adotar um método de apuração e de escrita, mesmo que seja algo que já viu ou aprendeu com alguém. Isso resulta, mais tarde, na concepção de bom ou mau jornalismo através de outros profissionais ou cidadãos no geral. Finalizo, então, trazendo mais um pensamento de Eliane Brum sobre o que é o bom jornalismo, seja nos livros-reportagem ou no cotidiano das redações: “é aquele que escuta o dito e o não dito, escuta os silêncios, aquele que sabe que os gestos e os cheiros podem ser informações tão importantes quanto a palavra. O bom jornalismo trabalha com tudo que é da realidade para levar ao leitor o máximo de complexidade possível” (MAROCCO, 2016, p. 35-36).

2 PRESOS QUE MENSTRUAM E A SITUAÇÃO CARCERÁRIA FEMININA NO BRASIL

No decorrer da história da humanidade, as mulheres sempre foram colocadas, pelo machismo e pelo patriarcado, em posições mais baixas que os homens brancos em uma hierarquia da sociedade. As diferenças de classe e raça sempre estiveram presentes na existência dessa “hierarquia”, inclusive entre mulheres. Quando uma mulher começa a ocupar espaços que antes não podia ou não eram ocupados pela população feminina, mostrando-se autossuficiente e tendo atitudes consideradas “masculinas”, sempre gera discussões e julgamentos. O que não é diferente quando se trata do crime, os homens não esperam atitudes criminosas de mulheres e, quando isso acontece, apagam a existência delas nas prisões.

Com isso, conseguimos perceber que o gênero e a raça definem quais serão os papéis considerados femininos e masculinos dentro de diversos espaços da sociedade. E quando falamos de gênero, é importante entendermos que as reflexões do termo giram em torno das relações de poder existentes entre homens e mulheres, o que mantém a desigualdade tão forte. Nesse sentido, Alves (2018, p. 239) analisa as questões de gênero enquanto construções sociais, afirmando que:

Considerando que o gênero não é fruto da natureza e sim uma construção social e histórica que atribui papéis a homens e mulheres com base em critérios como as diferenças entre os sexos biológicos, culminando no estabelecimento de dois gêneros; o feminino e o masculino, podemos afirmar que analisar as relações de gênero que permeiam os mais diversos espaços da sociedade é antes de tudo analisar as relações de poder entre homens e mulheres.

Saffioti (2015, p. 47) também discute as implicações do gênero na sociedade, seguindo a mesma linha que Alves (2018) quando diz que “cada feminista enfatiza determinado aspecto do gênero, havendo um campo, ainda que limitado, de consenso: o gênero é a construção social do masculino e do feminino”. Validando o que já discutimos aqui: o gênero define qual é o lugar do homem e da mulher e o que cada um deve fazer na sociedade. Apesar disso, esse conceito não é apenas uma categoria de análise, “gênero também diz respeito a uma categoria histórica, cuja investigação tem demandado muito investimento intelectual” (SAFFIOTI, 2015, p. 47).

Logo, o gênero irá estabelecer as diferenças entre os sexos em todos os ambientes da sociedade. Mencionamos “todos” aqui porque, realmente, acontece em todos os lugares. As relações de poder entre os gêneros podem ser vistas até dentro da nossa própria casa: quando o homem é quem ocupa a cadeira na ponta da mesa de jantar; quando é apenas as mulheres que tomam iniciativa para fazer os serviços domésticos, mesmo que em momentos de lazer; quando

os filhos homens recebem maiores incentivos para estudar e se tornar médico ou advogado; ou até mesmo quando a mulher não pode ter liberdade sobre seu próprio corpo e sua própria vida, ficando submissa às decisões masculinas.

Nesse sentido, Mary Wollstonecraft (1759-1797), durante o século XVIII, já discutia sobre os direitos das mulheres e o que viviam na sociedade da época, evidenciando o assunto em sua escrita também, por meio da obra *A vindication of the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subjects (Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher)*, de 1792, na qual afirma que:

Para explicar e desculpar a tirania do homem, muitos argumentos engenhosos foram apresentados para provar que os dois sexos, na aquisição da virtude, deveriam ter como objetivo atingir um caráter muito diferente: ou, para falar explicitamente, às mulheres não é permitido ter força mental suficiente para adquirir o que realmente merece o nome de virtude (WOLLSTONECRAFT, 2021, p. 29).

A reivindicação e a garantia dos direitos da mulher é algo discutido há muitos anos, como pudemos ver a partir de Mary Wollstonecraft. Entretanto, a discussão sobre uma luta por esses direitos por meio da interseccionalidade é algo “novo” no feminismo. Novo entre aspas, porque existe faz um bom tempo, mas começou a ser discutido recentemente por pensadoras e defensoras da luta feminista. Até porque essa luta nem sempre deu espaço e defendeu os direitos de todas as mulheres. Quando as mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto, entre o século XIX e XX, as mulheres negras ainda sofriam com a escravidão e submissão ao povo e ao homem branco.

Assim, para discutirmos a questão carcerária feminina, precisamos partir de uma perspectiva interseccional e direcionar o nosso olhar para as diferentes vivências que encontramos nesta temática. O que, basicamente, é resumido pela famosa frase da escritora e ativista dos movimentos negro, feminista e LGBTQIA+, Audre Lorde, “não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas”. Dessa forma, a reflexão sobre os direitos das mulheres encarceradas não vale de nada se não olharmos para cada uma dessas mulheres, com suas experiências, os desafios que enfrentam e com as diferentes correntes que as aprisionam.

Nesse sentido, bell hooks é uma das pensadoras feministas que evidenciam a importância de um feminismo que englobe o debate em busca dos direitos das mulheres por meio de um recorte de sexo, classe e raça. A autora traz um breve histórico sobre a luta feminista em sua obra “o feminismo é para todo mundo”, além de debater sobre o que aconteceu durante essa luta na história e fatos que poderiam mudar em busca da representação de todas as mulheres. Assim, bell hooks (2018, p. 20) afirma:

Discussões sobre desigualdade de classe aconteciam no início do feminismo contemporâneo e precederam as discussões sobre raça. [...] Essas discussões não banalizaram a insistência feminista de que “a sororidade é poderosa”; apenas enfatizaram que podemos nos tornar irmãs na luta somente confrontando as maneiras pelas quais mulheres – por meio de sexo, classe e raça – dominaram e exploraram outras mulheres, e criaram uma plataforma política que abordaria essas diferenças.

Com isso, é perceptível a importância que existe em refletirmos sobre as lutas que nos representam e entender que nem sempre os movimentos foram inclusivos. O que nos resta é estudar e buscar caminhos que incluam todas as pessoas nas lutas que travamos. O feminismo, por exemplo, foi polarizado desde as primeiras movimentações (HOOKS, 2018), existiam e ainda existem diversas vertentes e assuntos que cada parte do movimento defende. As pensadoras e feministas reformistas direcionaram sua luta à igualdade de gênero, já as pensadoras revolucionárias não buscavam somente alterações no sistema para que as mulheres gozassem de mais direitos, e sim transformar o sistema para acabar com o patriarcado (HOOKS, 2018).

É por essas questões, portanto, que acreditamos que o *feminismo interseccional* seja a melhor forma de tratarmos sobre as mulheres encarceradas no Brasil. É preciso direcionar o nosso olhar não só para a questão “homem e mulher”, e sim para a classe, a raça, a orientação sexual e a identidade de gênero. Sendo assim, Crenshaw (2002, p. 177) explica o termo interseccionalidade afirmando ser uma conceituação do problema que busca compreender as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ou seja, a interseccionalidade irá tratar “especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (CRENSHAW, 2002, p. 177).

A autora explica, de forma dinâmica, como a interseccionalidade funciona dentro da sociedade e dos movimentos de luta:

Utilizando uma metáfora de intersecção, faremos inicialmente uma analogia em que vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. É através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. [...] tais sistemas, frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam. [...] As mulheres racializadas e outros grupos marcados por múltiplas opressões, posicionados nessas intersecções em virtude de suas identidades específicas, devem negociar o ‘tráfego’ que flui através dos cruzamentos. Esta se torna uma tarefa bastante perigosa quando o fluxo vem simultaneamente de várias direções. Por vezes, os danos são causados quando o impacto vindo de uma direção lança vítimas no caminho de outro fluxo contrário; em outras situações os danos resultam de colisões simultâneas (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Isso evidencia ainda mais a importância de o feminismo reencontrar suas definições e os motivos que o tornam um movimento de luta, como afirma bell hooks (2018). A autora defende essa busca pela recuperação das definições claras do feminismo, para que a luta se organize e ninguém tente "diminuí-la" ou interpretá-la mal. "Podemos compartilhar a simples, porém poderosa, mensagem de que o feminismo é um movimento para acabar com a opressão sexista. Vamos começar por aí. Que o movimento comece novamente" (HOOKS, 2018, p. 24).

Dessa forma, torna-se ainda mais fácil a reflexão e compreensão sobre a situação carcerária feminina e a importância da busca por melhorias, pois a falta de atenção com essas questões não é de hoje. Alves (2018, p. 239) afirma que "a invisibilidade feminina no Brasil em relação ao cárcere é antiga, remontando ao período Colonial e os motivos nem sempre estiveram relacionados à criminalidade". A autora explica que, durante séculos, o índice de criminalidade cometida por mulheres era muito baixo, o que contribuiu decisivamente para que o Estado não se preocupasse com a situação dessas mulheres em cárcere (ALVES, 2018).

Assim, Alves (2018) evidencia que, somente a partir de 1920, os governos começaram a direcionar o olhar para as prisões femininas, devido ao aumento da criminalidade entre as mulheres. Com a promulgação do Código Criminal Brasileiro, em 1940, as primeiras iniciativas nas prisões femininas surgiam no Brasil, sendo que antes disso não existia distinções entre espaços destinados à mulheres e homens (SALLA, 1997, apud ALVES, 2018). Dessa forma, percebe-se que a preocupação com as mulheres encarceradas, por meio dos governos, é muito recente, "o que demonstra que a condição de invisibilização das mulheres encarceradas não é algo novo, apesar de ser um fenômeno persistente e atual" (ALVES, 2018, p. 240).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa, que não tem por objetivo o alcance de resultados que podem ser contabilizados numericamente². Como afirma Fonseca (2002, p. 20), “a pesquisa qualitativa se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. Além de se caracterizar como uma pesquisa bibliográfica, pois possui diversos autores que embasam teoricamente o assunto e, segundo Stumpf (2009, p. 51), refere-se a um:

[...] conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico.

Fonseca (2002) também discute sobre a pesquisa bibliográfica, afirmando ser o caminho para iniciar qualquer trabalho científico, porque permite que o pesquisador tenha conhecimento do que já foi estudado sobre a temática. Ademais, este trabalho também é caracterizado como uma pesquisa de caráter exploratório, que busca desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com a finalidade de proporcionar uma visão geral sobre um determinado fato (GIL, 2002).

Para a realização da pesquisa, analisamos a obra *Presos que Menstruam: a brutal vida das mulheres – tratadas como homens – nas prisões brasileiras*, publicada em 2015. Para esta análise, debatemos as práticas adotadas pela jornalista em relação a escolha da pauta, os métodos e a forma de escrita, buscando compreender o modo como Nana Queiroz construiu esse processo até a publicação do livro.

Antes disso, é necessário contextualizar a abordagem do livro e evidenciar as experiências da autora. Nana Queiroz é jornalista, roteirista, educadora de gênero e escritora. É autora dos *best-seller Presos que Menstruam* - objeto de estudo desta pesquisa - e *Eu, Travesti*. Além de ter organizado o livro *Você já é feminista: abra este livro e descubra o porquê* e ter lançado, recentemente, a obra *Os meninos são a cura do machismo*. Nana Queiroz já foi diretora de redação da revista *AzMina* e trabalhou em muitos outros veículos de comunicação. Atualmente, atua como coordenadora de campanha sênior na ONG internacional Avaaz.

Presos que Menstruam: a brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras foi lançado em 2015, após quatro anos de preparo das histórias que o

² A Análise de Conteúdo engloba os métodos quali e quantitativo, mas nesta pesquisa, caminhamos por uma análise qualitativa.

compõem. O livro possui 292 páginas e é composto por 59 capítulos. A autora apresenta, na história, sete personagens principais, que são as interlocutoras da reportagem: *Safira, Gardênia, Júlia, Vera, Camila, Glicéria e Marcela* (QUEIROZ, 2022). Cada uma dessas personagens é apresentada - e tem sua história contada - em capítulos separados, que seguem a mesma sequência da apresentação dos nomes mencionados anteriormente. Assim, para que o leitor não se perca nos acontecimentos, Nana Queiroz disponibiliza um *índice de personagens por capítulo* nas primeiras páginas do livro, onde informa quais capítulos estarão contando passagens da vida de cada interlocutora.

Presos que Menstruam evidencia a história dessas sete mulheres que vivem em penitenciárias espalhadas por cinco regiões do Brasil. A autora narra cada acontecimento durante os dias, meses e anos que cada interlocutora passou na prisão, voltando-se aos sentimentos, desejos e dificuldades de cada mulher. Quando realizamos a leitura da obra pela primeira vez, é comum que direcionamos nossa atenção, principalmente, ao motivo que levou essas mulheres à prisão. Geralmente, é isso que nos move a essas leituras: saber o que cada pessoa fez para receber esse “castigo”. Entretanto, essa não é a primeira preocupação de Nana Queiroz ao narrar as histórias. Ela busca identificar cada mulher através de suas principais características, mencionando o que cada uma sente e o que almejam. Ler *Presos que Menstruam* é direcionar a nossa atenção e o nosso olhar para vivências que normalmente estão esquecidas, não são narradas e não recebem nenhum holofote.

Nana Queiroz afirma, em entrevista para o canal #ProgramaDiferente (2015), que o que a motivou a investigar o assunto foi uma conversa com uma mulher que trabalhou muitos anos no sistema carcerário feminino, seguido de um completo silêncio que encontrou ao pesquisar sobre o assunto na Internet.

Ninguém fala das mulheres presas. A gente fala muito dos homens presos, mas eu não consegui achar um livro pra ler, não consegui achar filme sobre, não consegui achar nada. Então falei assim: tem um vácuo aí. Eu vou investigar e vou escrever um livro para falar o que as pessoas não estão dizendo (PROGRAMA DIFERENTE, 2015).

A autora ainda comenta que não queria forçar suas próprias relações de causa e efeito em cada história, por isso decidiu contá-las em fragmentos. Assim, Nana Queiroz (2022, p. 18) compara sua publicação a uma colcha de retalhos:

Este livro é uma colcha de retalhos costurada ao longo de quatro anos. A linha e a agulha são entrevistas, visitas aos presídios, livros, artigos, estudos e processos judiciais de minhas personagens. O tecido é composto por trechos de vida de sete mulheres com quem me encontrei diversas vezes e de algumas outras detentas que cruzaram meu caminho de forma passageira.

Queiroz também relata, durante a entrevista no lançamento do livro, que sofreu muitas ameaças após a publicação de *Presos que Menstruam*. A jornalista já vem de uma luta constante

no movimento feminista, sendo a criadora do movimento #EuNãoMereçoSerEstuprada, pelo qual também foi ameaçada. Entretanto, desde o lançamento, o livro ganhou grande prestígio, sendo pauta em debate na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) do Rio de Janeiro, em 2017, além de diversos vídeos sobre literatura no YouTube. O best-seller também foi e ainda é assunto de muitos trabalhos acadêmicos, teses, dissertações e artigos científicos em diversas áreas do conhecimento. Em uma rápida busca no Google Acadêmico, encontramos seis trabalhos sobre o *Presos que Menstruam*, dos quais dois são da área de Literatura e Letras, dois do Jornalismo, um da área do Direito e o último na área de Geografia.

Queiroz (2022) ainda traz alguns resultados que pôde observar durante a construção do livro. Ela afirma que não é apenas o governo que nos impede de falar sobre o assunto, mas sim os tabus que são mantidos e todos aqueles que se recusam a debater sobre isso. Em relação ao esquecimento dessas mulheres, a autora reitera que “é pelas gestantes, os bebês nascidos no chão das cadeias e as lésbicas que não podem receber visitas de suas esposas e filhos que temos que lembrar que alguns desses presos, sim, menstruam” (QUEIROZ, 2022, p. 19).

Com isso, o principal objetivo deste estudo é compreender a prática das jornalistas pela pauta, pelo método e pela escrita por meio da análise da obra *Presos que Menstruam: a brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras*, de Nana Queiroz. Tendo como objetivos específicos alguns passos que norteiam o caminho da pesquisa: compreender como as grandes reportagens e os livros de repórter são construídos a partir das práticas das jornalistas pela pauta, método e escrita; analisar narrativamente o livro *Presos que Menstruam: a brutal vida das mulheres – tratadas como homens – nas prisões brasileiras*, de Nana Queiroz; e, por fim, entender as escolhas da autora no processo de apuração e escrita do livro-reportagem, evidenciando a presença da subjetividade e a importância da temática abordada.

Sendo assim, para o alcance dos objetivos propostos, utilizamos a Análise de Conteúdo (AC), que segundo Bardin (2011), engloba análises por meio da linguística e também da análise documental. A autora explica que a AC marca o passo de inovação metodológica ao se concentrar na transposição tecnológica, observando “com interesse as tentativas que se fazem no campo alargado da análise de comunicações: lexicometria, enunciação, linguística, análise de conversação, documentação e base de dados etc” (BARDIN, 2011, p. 31).

Herscovitz (2008, p. 123) também discute a Análise de Conteúdo, explicando-a de uma forma dinâmica:

Se uma parte da humanidade desaparecesse amanhã, mas restassem livros, jornais, revistas, vídeos, filmes, CDs e DVDs, arquivos com discursos e cartas e artefatos afins, teríamos o material necessário para interpretar a vida social de uma época. A

análise de conteúdo da mídia seria um dos métodos mais eficientes para rastrear esta civilização por sua excelente capacidade de fazer inferências sobre aquilo que ficou impresso ou gravado.

Além disso, a autora ainda afirma que a análise de conteúdo é um método de grande utilidade na pesquisa jornalística, pois é empregada nos diversos ramos das ciências sociais empíricas (HERSCOVITZ, 2008). Com isso, pode ser utilizada de diversas formas e em diversos tipos de pesquisa, como mostra:

Pode ser utilizada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Serve também para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e para comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas (HERSCOVITZ, 2008, p. 123).

Como vimos nas reflexões das autoras acima, uma das características da Análise de Conteúdo é ser aplicada quando analisamos documentos. Não importa o formato, seja escrito, fotografado, em formato de vídeo, o que importa é que relata um fato, documentando-o. Dessa forma, a AC cabe, perfeitamente, nesta pesquisa pois analisamos um livro, algo que foi produzido e publicado por alguém, documentando a realidade de diversas pessoas em um determinado período de tempo. Além de realizarmos uma categorização por temáticas presentes no livro-reportagem, o que, segundo Bardin (1977), caracteriza-se como uma unidade de registro e contexto na Análise de Conteúdo, trazendo um significado que se liberta do texto analisado.

Desse modo, no próximo capítulo da pesquisa, encontramos a *Análise dos Dados*, que traz as categorizações construídas por meio da Análise de Conteúdo, dividindo o objeto de estudo em três temáticas, apresentadas nesta ordem: maternidade, ser mulher e desigualdade. Assim, o capítulo é desenvolvido por quatro sub-temas, trazendo, primeiramente, essas categorizações, nas quais debatemos sobre a presença de cada tema no livro-reportagem por meio das principais expressões utilizadas pela autora para se referir a temática. Além disso, finalizamos a análise dos dados com um sub-capítulo destinado à reflexão das práticas jornalísticas utilizadas no processo de construção do *Presos que Menstruam*, construindo a discussão por meio da análise das práticas utilizadas pela autora, Nana Queiroz.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A construção e organização dos dados desta pesquisa acontece após uma leitura atenta e minuciosa do livro-reportagem *Presos que Menstruam: a brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras*, realizando anotações e dividindo os capítulos em temáticas. A categorização desses dados durante a Análise de Conteúdo aconteceu a posteriori, ou seja, após a leitura do livro, observamos as principais temáticas presentes e, assim, as dividimos em categorias de análise.

Bardin (1977) divide as unidades de registro e contexto nas quais a Análise de Conteúdo pode ser aplicada, ela afirma que o tema é a unidade de significado que se liberta do texto analisado. Assim, “fazer uma análise temática, consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 1977, p. 105).

Os dados desta pesquisa foram construídos por meio da análise do objeto de estudo, categorizando-o em três principais temáticas: maternidade, ser mulher e desigualdade. Inicialmente, dividimos as temáticas em cores já na leitura do livro e, depois, fizemos quadros para organizar as principais sentenças onde a temática surge no livro-reportagem, que carregam essas mesmas cores. Elas são formadas por expressões utilizadas pela autora para se referir ao tema, além de informar a principal personagem do relato, o capítulo/página e as principais passagens de cada história no livro.

Nesse sentido, a nossa análise de dados é dividida em quatro sub-capítulos. O primeiro é destinado à questão principal deste trabalho, que busca compreender a subjetividade no processo de construção de um livro-reportagem, por meio da escolha da pauta, do método de apuração e da forma de escrita propriamente dita. Assim, o primeiro sub-tema que encontramos é “*As práticas jornalísticas no processo de construção de um livro-reportagem*”, que traz uma reflexão e análise sobre as práticas jornalísticas adotadas pela Nana Queiroz na construção do livro-reportagem analisado. Para isso, dividimos este sub-capítulo em três tópicos: a escolha da pauta, a apuração das informações e o método de escrita.

Na sequência, acompanhamos a categorização temática que construímos por meio do *Presos que Menstruam*, que é organizada nos seguintes sub-capítulos: 1) *Entendendo a maternidade como personagem na vida das interlocutoras*, que traz a temática da maternidade presente nos relatos das personagens; 2) *Ser mulher e a subjetividade no livro-reportagem*, debatendo as questões de gênero dentro das penitenciárias brasileiras e a presença da subjetividade ao abordar esse assunto; 3) *As desigualdades presentes na vida das personagens*,

trazendo uma reflexão sobre as diversas desigualdades encontradas entre a população carcerária feminina no Brasil.

4.1 AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM LIVRO-REPORTAGEM

Iniciamos a nossa análise de dados buscando uma retomada da questão que norteia este trabalho: o debate sobre as pistas da subjetividade no processo jornalístico, da pauta, passando pelo método até a escrita, compreendendo sua presença na prática das jornalistas e nos voltando para o processo de construção do *Presos que Menstruam*. No processo de análise, já observamos as principais temáticas que aparecem nas histórias narradas no livro e os fatores que podem influenciar a frequência e a forma que cada assunto é abordado. Assim, agora iremos voltar o nosso olhar para as práticas jornalísticas em si e debater como a jornalista Nana Queiroz desenvolveu o processo de apuração e de escrita do livro-reportagem.

Como já discutimos aqui, o livro-reportagem e/ou o livro de repórter oferece uma liberdade de apuração e de escrita aos jornalistas no seu processo de construção. Isso porque, bem como debatido por Fabiana Moraes (2022), esses formatos do jornalismo tiram a objetividade e a neutralidade como os principais fatores nas práticas jornalísticas que devem ser adotadas pela profissional. Moraes (2022), inclusive, afirma que o jornalismo necessita, sim, da objetividade e dos elementos nela incluídos, como entrevista, checagem, manter o que for dito e ouvir “os dois lados” da história. Entretanto, a objetividade não deve ser o centro do jornalismo, visto que precisamos também dos elementos da subjetividade para fazer um bom trabalho.

A subjetividade é um termo que vem sendo debatido nos últimos anos pelo jornalismo. Pode ser vista como uma nova era da profissão, como também algo que sempre esteve presente nas práticas jornalísticas. Como já pudemos ver por aqui, algumas autoras e autores acreditam na segunda opção e embasam por meio de argumentos. Atualmente, Fabiana Moraes é uma das principais pensadoras dessa temática, que afirma que a subjetividade está presente nas práticas jornalísticas e deve ser utilizada, junto aos elementos da objetividade, para existir um bom jornalismo (MORAES, 2022).

Dessa forma, para analisar e entender melhor as práticas jornalísticas adotadas no processo de construção do livro-reportagem *Presos que Menstruam*, vamos dividir este capítulo em três subtemas: 1) a escolha da pauta; 2) o processo de apuração das informações; 3) o método de escrita escolhido e aplicado no livro. Essas três divisões trazem uma análise minuciosa das

práticas jornalísticas que podemos observar na escrita do livro e o que é narrado por Nana Queiroz.

4.1.1 A escolha da pauta

Apesar de anteceder o processo de entrevista e a investigação propriamente dita, a pauta é um elemento da apuração, que marca o início das pesquisas sobre o tema que irá abraçar aquela reportagem ou matéria. Pereira Junior (2010) afirma que a pauta não busca dar confirmação aquilo que já se sabe, pelo contrário, é uma dúvida ou inquietação sobre algum ponto ou acontecimento da nossa realidade, que pode ser respondido por meio de fatos e “provas” encontrados pela jornalista. Além disso, o autor ainda confirma o que muito ouvimos na graduação: “pauta que é pauta define o rumo do trabalho, o ângulo, a escolha de uma ou várias nuances do que será apurado, qual o recorte da realidade que a reportagem fará, sob que modo novo será abordada a questão” (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 79).

Dessa forma, podemos partir para uma observação e análise do *Presos que Menstruam* para refletir o processo de escolha da pauta. Como já afirmado em entrevistas, Nana Queiroz escolheu investigar sobre as mulheres encarceradas no Brasil por uma inquietação, uma “pulga atrás da orelha” que não deixou com que o fato passasse despercebido. Ela conheceu uma mulher que trabalhou por muitos anos no sistema carcerário feminino e, isso a fez refletir sobre a falta de debate e de pesquisa nesta área. Tendo em vista que, na época, existia um completo silêncio, tanto no âmbito acadêmico quanto social, quando a pauta era mulheres presas.

A escolha desta pauta e a decisão de seguir por esse caminho, faz com que a sociedade em si comece a enxergar por essa lente, a destinar o seu olhar para essas pessoas, muitas vezes, esquecidas nas margens da sociedade. E, com isso, o debate surge em maior quantidade nos diversos espaços da comunidade, como na área acadêmica, nas pesquisas, nos eventos e, porque não, nas rodas de conversa?! É nesse processo que as carências da sociedade começam a ter um avanço, nem que seja “a passos de formiguinha”.

Foi o que aconteceu com o debate sobre as mulheres que estão nas penitenciárias brasileiras, a inquietação surgiu para Nana Queiroz, ela investiga, escuta, analisa e coloca “a pulga atrás da orelha” de outras pessoas, que começam a pesquisar, a observar e refletir sobre isso também. Dessa forma, percebemos a importância da pauta, de escolher abordar assuntos que dificilmente aparecem na mídia, recortes e bifurcações que fazem com que diversas questões no mundo sejam discutidas e caminhem para uma evolução e melhoria.

4.1.2 A apuração das informações

O processo de apuração jornalística é o centro da construção de qualquer reportagem, precisamos dessa fase para narrar toda e qualquer história. Isso porque consiste nas entrevistas com cada fonte relevante ao assunto, além de toda investigação e pesquisa de pauta em questão. A apuração não é somente importante nos livros-reportagem, mas em todo o texto jornalístico que será produzido, desde a notícia diária até a denúncia por meio da grande reportagem.

O autor Luiz Costa Pereira Junior (2010) divide a apuração dos textos jornalísticos, no processo de produção, em dois momentos: *o contato com as fontes* e a *checagem da informação*. O contato com as fontes se resume ao ouvir as histórias e o que cada um tem a falar, ou seja, é a oportunidade de cada fonte contar o “seu lado” da história e a chance do repórter de identificar erros na pauta, em tempo de corrigi-los (PEREIRA JUNIOR, 2010). Já a checagem da informação é o momento em que a jornalista irá investigar os diversos caminhos possíveis da história, confirmando ou não o que cada fonte falou. “O repórter não pode bancar uma afirmação sem confirmá-la”, afirma Pereira Junior (2010, p. 87).

Como podemos observar nas leituras de livros-reportagem, o processo de apuração não é só importante devido a investigação e checagem de informações, mas é o momento onde a jornalista escuta todas as histórias previamente marcadas ou as que surgem no caminho. É na apuração que entendemos melhor a realidade do que estamos escrevendo e analisamos os espaços onde as histórias se passam. Podemos perceber que no *Presos que Menstruam* foi assim, tendo em vista que a jornalista Nana Queiroz foi até as penitenciárias, buscando entender o tempo e o espaço em que os relatos acontecem.

Além de realizar visitas enquanto jornalista, Nana também visitou uma penitenciária como parente de presa. Esse momento é narrado no capítulo doze, intitulado como Socorro, a pessoa com quem Nana foi até o presídio, somando mais uma parente na lista de visitas de Carolina (filha de Socorro). A jornalista explica: “quatro meses separavam este dia daquele em que conheci Socorro. Eu a havia contatado porque queria ser tratada como parente de presa. Queria passar pela revista vexatória se necessário, e me esquivar da simpatia e do olhar vigilante dos carcereiros” (QUEIROZ, 2022, p. 86).

A autora consegue visitar Caroline na penitenciária, mas não esperava a mudança brusca no tratamento entre a jornalista e a parente de presa. Como já vimos no capítulo de análise “*A desigualdade presente na vida das personagens*”, o tratamento com os familiares e amigos de pessoas presas é muito diferente comparado ao tratamento formal com profissionais

da comunicação. E esta foi uma forma de Nana Queiroz analisar e tirar suas conclusões, um passo no caminho da apuração do livro-reportagem.

A jornalista escolheu, ainda, conversar e, principalmente, ouvir todas as suas interlocutoras, para depois analisar os seus processos judiciais e o que haviam feito perante a justiça. Nana afirma que essa foi uma forma de não tirar conclusões precipitadas sobre as mulheres com quem iria conversar, para que não julgasse antes de ouvir a versão da história por cada uma delas (QUEIROZ, 2022).

Dessa forma, entendemos que existem diversos métodos de apuração na construção de produções jornalísticas e cada profissional escolhe qual caminho trilhar. No livro-reportagem em questão, Nana Queiroz utiliza de entrevistas, visitas aos presídios, leitura de livros e artigos, estudos e análise dos processos judiciais das personagens (QUEIROZ, 2022). Ela chama esses métodos de linha e agulha, utilizadas na construção da grande colcha de retalhos que é o *Presos que Menstruam*.

4.1.3 O método de escrita

Todo e qualquer jornalista já chegou naquele momento em que o processo de apuração está pronto, todas as entrevistas e investigações feitas, só falta escrever... e aí, surge a dúvida: como juntar todo o material e transformá-lo em uma história?! Cada profissional tem o seu estilo, encontra a melhor forma de escrever e já consegue visualizar um texto pronto enquanto realiza a apuração.

Nana Queiroz narra algumas vezes, tanto no livro quanto em entrevistas, como foi o seu processo de apuração e escrita. A jornalista passou cerca de quatro anos neste processo, ouvindo, observando e narrando as histórias de mulheres encarceradas nas penitenciárias que acompanhou. Como a autora mesmo conta, se encontrou diversas vezes com as sete principais interlocutoras que aparecem no livro, mas também trouxe histórias de detentas que cruzaram seu caminho de forma passageira (QUEIROZ, 2022).

Com isso, Nana Queiroz (2022, p. 18) constrói uma “colcha de retalhos”, utilizando a apuração como linha e agulha, por meio das entrevistas, visitas aos presídios, leitura de livros e artigos, e estudando os processos judiciais das personagens. O tecido desta colcha é composto pelas diversas e únicas histórias das sete mulheres que marcam as personagens principais do livro e das outras detentas que, de uma forma ou outra, ajudaram a construir o *Presos que Menstruam*. Costurando essas histórias, a jornalista cria um dos primeiros livros-reportagem que narra a vida das mulheres encarceradas no Brasil.

possibilidade de lermos primeiro de uma forma, depois de outra, podendo analisar as diferenças e o que cada leitura desperta nos leitores.

Dessa forma, ao observarmos essas características da autora em análise, podemos reafirmar o fato de que cada jornalista pode construir a sua forma de escrita. Isso porque, como já afirmamos aqui, o livro-reportagem ou o livro de repórter dá essa liberdade de escolha, apuração e escrita ao profissional, por ser uma produção mais longa e independente. Com essa liberdade, a jornalista Nana Queiroz sai do “convencional”, construindo a sua forma de escrita e, assim, fazendo com que o leitor saiba quem escreveu o livro antes mesmo de ler o nome na capa.

4.2 ENTENDENDO A MATERNIDADE ENQUANTO PERSONAGEM NA VIDA DAS INTERLOCUTORAS

Quando realizamos uma leitura mais minuciosa do livro-reportagem *Presos que Menstruam*, é possível perceber a importância da maternidade nas histórias narradas. Além do óbvio: não se pode falar sobre encarceramento de mulheres sem mencionar a maternidade. Isso porque, como é perceptível em nossa sociedade, a mulher é influenciada desde criança a ser mãe, como se fosse algo necessário para que sua existência faça sentido. Entretanto, quando a maternidade vem em circunstâncias diferentes do "mundo ideal", a sociedade muda seu pensamento e faz tudo que pode para distanciar a mãe e o filho.

Nesse sentido, é impossível falar sobre encarceramento de mulheres sem mencionar a maternidade. A mulher é quem vive a experiência de ter um filho, física e emocionalmente. Assim, quando o estado prende uma mulher, deve estar preparado para as necessidades que ela carrega consigo. Diferente da maternidade, a paternidade não é uma preocupação direta do Estado, porque um homem não passa pelo processo da gestação e do parto, então jamais precisará de consultas de pré-natal, pediatras, ginecologistas e celas especiais, que torna a “estadia” masculina na prisão muito menos onerosa para o governo.

O livro-reportagem *Presos que Menstruam: a brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras* é dividido em 59 capítulos, os quais variam entre tamanho e relevância, ou seja, alguns possuem cinco páginas e outros apenas um parágrafo, por exemplo. Entretanto, 35 desses capítulos contam experiências de sete mulheres que estão ou já passaram por penitenciárias de cinco regiões brasileiras, as quais são as personagens principais da obra.

Essas sete mulheres são apresentadas no livro como *Safira, Gardênia, Júlia, Vera, Camila, Glicéria e Marcela*. Cada uma delas tem a sua própria história, o seu próprio ponto de vista sobre o mundo, possuem família, amigos, sonhos e objetivos. Mas, o que chama nossa atenção é que a grande maioria delas compartilha da mesma característica: são mães e já viveram situações bastante marcadas pela falta de percepção da maternidade e do seu próprio ser, por parte da sociedade num geral, mas, principalmente, por parte do Estado.

Por meio dessas percepções, e de uma leitura atenta, construímos um quadro de categorização para a temática “*maternidade*”, que organiza as expressões utilizadas por Nana Queiroz para abordar o assunto em cada capítulo em que a maternidade se apresenta enquanto personagem na vida das interlocutoras. Este quadro carrega a cor laranja, escolhida já no momento da leitura do livro, onde dividimos os capítulos. Para realizar isso, numeramos os capítulos e também trouxemos a personagem principal de cada um deles, tendo em vista que a autora divide as histórias pelas interlocutoras que ajudam a construir o livro. Além disso, também dividimos as expressões por meio dos sentimentos que nos remetem, sejam eles positivos (cor vermelha) ou negativos (cor azul).

Quadro 1 – Categoria de análise: *maternidade*

EXPRESSÕES	PERSONAGEM	CAPÍTULO/PÁGINA	PASSAGENS DO TEXTO	SENTIMENTO AO QUAL A EXPRESSÃO NOS REMETE
"peso dos anos perdidos"	Safira	1/p.21	“Em sete anos de prisão, chegará a ficar três sem vê-los. Perdeu o primeiro dia de aula, a primeira vez que andaram de bicicleta. O mais velho, de 13 anos, já tinha até uma namorada.”; “ Eu não conheço meus filhos. [...] Além de eu ter que me adaptar às coisas que eu perdi todo esse período que estive presa, eu tenho que aprender a conhecer MEUS filhos”, Safira.	Negativo
"sentença do filho"	Gardênia	10/p.71	“A ninguém importava Gardênia ou o bebê que carregava. Eles eram o resto do prato daquela sociedade. O que ninguém quis comer. E seu filho já nascia como sobra. ”	Negativo

<p>"...uma mãe de mães"</p>	<p>Nazaré (personagem secundária)</p>	<p>11/p.79</p>	<p>“Se existem no mundo mulheres que nasceram para ser mães, Nazaré certamente é uma delas.”; “Suponho, no entanto, que Nazaré tenha encontrado ali (Unidade Materno Infantil - Ananindeua/Pará) um jeito de trabalhar para que outras mães não perdessem seus filhinhos. E ela assumiu essa tarefa com afinco”; “De uma maneira distorcida e imprevista, o destino tinha, afinal, feito dela uma mãe de mães”.</p>	<p>Positivo</p>
<p>"maternidade embutida"</p>	<p>Carolina (personagem secundária)</p>	<p>16/p.111</p>	<p>“Carolina nasceu com a maternidade embutida. [...] era natural para ela ninar bonecas. Era adolescente ingovernável, namoradeira e trabalhadeira, mas quando descobria o próprio corpo e tocava sua barriga, visualizava sua filhinha crescendo ali. E era uma menina”.</p>	<p>Positivo</p>
<p>"filhos do cárcere"</p>	<p>Crianças nascidas nas prisões</p>	<p>17/p.115</p>	<p>“Grades e jaulas fazem parte do pequeno mundo de Cássia, são tudo o que ela conhece”; “A unidade materno-infantil na qual vive é uma graça, apesar de tudo. Sorte que a maioria dos outros filhos do cárcere não tem”.</p>	<p>Negativo</p>
<p>"gestante"</p>	<p>Michelle (personagem secundária)</p>	<p>19/p.123</p>	<p>“Eles bateram em ti e tu és gestante. Se eu soubesse que tudo isso iria acontecer, não teria te detido, teria deixado ir naquela noite. Me perdoe”.</p>	<p>Negativo</p>
<p>"amamentar"</p>	<p>Glicéria</p>	<p>22/p.141</p>	<p>“Glicéria tentou amamentar até que o choro de Eru ficou tão potente quanto o dela. O leite havia empedrado e do peito saía tanto pus que dava medo de alimentar o menino com porcaria”</p>	<p>Negativo</p>
<p>"sangrei feito porco"</p>	<p>Falta de estrutura na penitenciária</p>	<p>33/p.185</p>	<p>"- Eu, por exemplo, estava grávida. Perdi meu filho faz dez dias, sangrei feito porco e ninguém fez nada, não vi médico. Agora, tô aqui cheia de febres. Vai ver o corpinho tá apodrecendo dentro de mim. [...] Saí pensando no corpinho e, às vezes, quando deixo a cabeça vazia, penso nele ainda”.</p>	<p>Negativo</p>

"Dia das Mães"	"Saidinhas" das presas	59/p.287	"[...] a maioria do público é de avós, mães, irmãs e crianças pequenas . Alguns têm peles muito claras, mas a grande parte oscila entre os meus diversos tons de marrom "; "Mal a mãe tinha chegado, e o pequeno já estava prevendo a perda . Por isso devia agarrá-la tão forte, como se pudesse impedir que a separação chegasse".	Negativo
----------------	------------------------	----------	---	-----------------

Fonte: elaborado pela autora.

O quadro permite articular a presença da maternidade nas histórias narradas no livro. De 59 capítulos, oito são destinados a essa temática. Pode parecer um número pequeno, comparado ao todo, porém as experiências vividas e contadas por essas mulheres pesam muito. Nos dados construídos, existem duas expressões que, apesar de trazerem histórias tristes, remetem a um sentimento positivo, como esperança e a busca por um sonho, mesmo que o final da história não tenha sido o “felizes para sempre”. Essas expressões estão nas histórias de Nazaré, uma “mãe de mães” (capítulo 11), e Carolina, a moça que nasceu com a “maternidade embutida” (capítulo 16).

Apesar dessas histórias não terem o seu “final feliz”, é possível analisar, por meio das passagens do livro, sinalizadas no quadro, que remetem a algum sentimento positivo. Mesmo que Nazaré tenha tido um caminho triste até o momento em que Nana Queiroz a entrevista, ela tenta mudar o mundo ao seu redor, trabalhando para que outras mães encarceradas não percam seus filhos. “De uma maneira distorcida e imprevisível, o destino tinha, afinal, feito dela uma mãe de mães” (QUEIROZ, 2022, p. 84). Já Carolina sonhava com o momento que teria a sua filha nos braços, para arrumar, pentear e cuidar. Mesmo que sua história não teve o final feliz desejado, a passagem do livro nos remete a uma jovem que sonhava com a maternidade: “[...] era adolescente ingovernável, namoradeira e trabalhadeira, mas quando descobria o próprio corpo e tocava sua barriga, visualizava sua filhinha crescendo ali. E era uma menina” (QUEIROZ, 2022, p. 111).

O restante dos capítulos que abordam a maternidade, remetem a sensações negativas, como de tristeza, de tortura e, principalmente, de perda, seja de tempo, de vida ou, literalmente, dos filhos. Como é possível observar, essas expressões ocupam uma maior parcela do quadro, evidenciando que, nas histórias narradas, a maternidade é vista como um peso, não só para as presas, mas, principalmente, para o Estado.

No ato de observar os dados que o quadro nos traz por meio das expressões que remetem a sentimentos negativos, três delas se sobressaem. Isso porque escancaram, mais que

as outras, a violência e a falta de estrutura às mães e seus filhos dentro das penitenciárias brasileiras. A primeira expressão que chama nossa atenção, “*sentença do filho*”, é uma passagem da história de Gardênia, uma das sete personagens principais do livro, no capítulo dez. A personagem conta que foi presa várias vezes e, em uma delas, estava grávida: “A ninguém importava Gardênia ou o bebê que carregava. Eles eram o resto do prato daquela sociedade. O que ninguém quis comer. **E seu filho já nascia como sobra**” (QUEIROZ, 2022, p. 71-72, grifo nosso).

Na sequência, temos a expressão “*filhos do cárcere*”, que aparece no capítulo 17, contando a história das crianças que nascem dentro das penitenciárias. A narração inicia contando a história de Cássia, uma criança nascida dentro de uma das únicas unidades materno-infantil construídas para, realmente, atender esses bebês e suas mães. “Grades e jaulas fazem parte do pequeno mundo de Cássia, são tudo o que ela conhece. [...] A unidade materno-infantil na qual vive é uma graça, apesar de tudo. Sorte que a maioria dos outros filhos do cárcere não tem” (QUEIROZ, 2022, p.115).

Por fim, o capítulo 33 traz a terceira expressão que nos remete a sentimentos negativos. “*Sangrei feito porco*” marca passagens de tortura e violência ao debater sobre a falta de estrutura - e humanidade - nas penitenciárias. Essa é uma história que marca também a autora do livro, de acordo com o que escreve ao entrevistar uma das personagens: “- Eu, por exemplo, estava grávida. Perdi meu filho faz dez dias, **sangrei feito porco e ninguém fez nada**, não vi médico. Agora, tô aqui cheia de febres. Vai ver o corpinho tá apodrecendo dentro de mim (fala da personagem). [...] Saí pensando no corpinho e, às vezes, quando deixo a cabeça vazia, penso nele ainda” (QUEIROZ, 2022, p.186-187, grifo nosso).

Essas expressões nos mostram ainda mais a importância do debate sobre a maternidade na vida das mulheres encarceradas, além de observar a falta de estrutura e o caminho que ainda temos para trilhar na busca por um tratamento mais humano para gestantes e crianças nessa situação. Assim, Nana Queiroz também evidencia essa relevância do tema, pois inicia o livro-reportagem com a temática da “*maternidade*”, narrando a história de uma mãe. Por meio do primeiro capítulo, *Leite, fraldas e potes de açúcar*, a autora relata a história de Safira, uma mulher que entrou para a vida do crime para poder comprar - como o título já diz - leite, fraldas, açúcar e comida para seus filhos.

Um dos principais desejos de Safira em sua primeira saída do presídio no regime semiaberto era fazer o café da manhã para os seus filhos. E assim o fez, preparou tudo e quando “colocou os copos na mesa, sorridente”, um dos meninos estranhou, falando: “Mas você não sabe, mãe, que a gente não toma café, só toma Toddy?” (QUEIROZ, 2022, p. 21). Safira se

chocou com o fato, percebendo os anos perdidos, pois em sete anos de prisão, ficou até três anos sem vê-los. E assim, perdeu diversos primeiros dias de aula, a primeira vez que andaram de bicicleta, as primeiras leituras, a primeira tabuada e tantas outras primeiras experiências das crianças. Safira conta para Nana Queiroz como se sentiu:

“Eu não conheço meus filhos. Eu sou assim: eles sabem que eu sou a mãe deles, mas praticamente sou uma desconhecida. Além de eu ter que me adaptar às coisas que eu perdi todo esse período que estive presa, eu tenho que aprender a conhecer os MEUS filhos” (QUEIROZ, 2022, p. 21-22).

A maternidade é um assunto difícil de ser separado das mulheres encarceradas, até porque, muitas vezes, já fazia parte da história delas antes da prisão. Uma penitenciária não é o melhor lugar para viver esse momento, isso é perceptível. Mas deveria atender minimamente aos direitos básicos dessas mulheres. Deveria, mas nem sempre é o que acontece. Como podemos perceber no capítulo *A sentença do filho*, no qual Nana Queiroz traz a história de Gardênia, que estava grávida em uma das vezes em que foi presa: “até nisso é diferente a gente presa do que a gente solta. Solta, você pega seu filho, vê. E eu nem consegui olhar os dedos da mão e do pé, pra ver se não tava faltando nenhum”, afirma Gardênia ao contar sobre sua experiência (QUEIROZ, 2022, p. 73).

O que aconteceu com Gardênia é muito comum entre as mulheres presas. Dificilmente, a mãe pode ter um contato maior com seu filho logo após o parto. Além do fato de que esse momento de tanta intimidade é acompanhado por um/a carcerário/a de plantão. Heidi Cerneka, ativista durante dezessete anos na Pastoral Carcerária Feminina, pelos direitos das mulheres, das mães e dos bebês nas prisões femininas do Brasil, compartilhou um pouco do que já tinha visto dentro das penitenciárias com Nana Queiroz. A ativista até brinca com os absurdos em que as mulheres precisam passar: “tem mulher que até dá à luz algemada na cama. Como se ela pudesse levantar parindo e sair correndo. Só homem pode pensar isso. Porque mesmo que ela pudesse levantar, qualquer policial com uma perna só andaria mais rápido que ela” (QUEIROZ, 2022, p. 73).

Além disso, poucos presídios no Brasil estão preparados para gestantes e seus bebês. De acordo com os dados estatísticos do Sistema Penitenciário (2022), no país inteiro, existem apenas 67 dormitórios ou celas adequadas para gestantes, além de 51 berçários ou Centro de Referência Materno-Infantil. Esses números para acolher, atualmente, 164 gestantes ou parturientes, 93 lactantes e 606 crianças entre seis meses e três anos (Dados estatísticos do Sistema Penitenciário, 2022). “Na maioria dos presídios e cadeias públicas, elas (gestantes) ficam misturadas com a população carcerária e, quando chega a hora do parto, *geralmente* alguém leva para o hospital”, afirma a autora (QUEIROZ, 2022, p. 74, grifo da autora).

A autora grifa a palavra “geralmente”, justo porque nem sempre acontece desta forma. Muitas vezes, as mulheres precisam implorar para os/as carcerários/as as levarem ao hospital, provar que realmente estão sentindo as dores do parto. “Já nasceu muita criança dentro do presídio porque a viatura não chegou a tempo, ou porque a polícia se recusou a levar a gestante ao hospital, já que provavelmente não acreditou - ou não se importou - que ela estava com as dores de parto”, afirma Nana Queiroz (2022, p. 74).

A falta de atendimento digno continua depois que a mãe dá à luz ao seu filho. Hoje, a Lei 11.942, de 28 de maio de 2009, assegura às presidiárias o direito de amamentação de no mínimo seis meses e cuidados médicos a elas e aos bebês. Com a promulgação desta Lei, mudou-se a redação dos artigos 14, 83 e 89 da Lei 7.210, de 11 de julho de 1984, assegurando que as penitenciárias femininas tenham seções destinadas a gestantes e parturientes, além de creches destinadas às crianças de seis meses a sete anos. Como podemos observar na redação da Lei nº 11.942 (Constituição da República Federativa do Brasil, 2009):

Art. 1º O art. 14 da Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984 – Lei de Execução Penal, passa a vigorar acrescido do seguinte § 3º:

§ 3º Será assegurado acompanhamento médico à mulher, principalmente no pré-natal e no pós-parto, extensivo ao recém-nascido.” (NR).

Art. 2º O § 2º do art. 83 e o art. 89 da Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984, passam a vigorar com a seguinte redação:

§ 2º Os estabelecimentos penais destinados a mulheres serão dotados de berçário, onde as condenadas possam cuidar de seus filhos, inclusive amamentá-los, no mínimo, até 6 (seis) meses de idade.” (NR).

“Art. 89. Além dos requisitos referidos no art. 88, a penitenciária de mulheres será dotada de seção para gestante e parturiente e de creche para abrigar crianças maiores de 6 (seis) meses e menores de 7 (sete) anos, com a finalidade de assistir a criança desamparada cuja responsável estiver presa.

Parágrafo único. São requisitos básicos da seção e da creche referidas neste artigo:

I – atendimento por pessoal qualificado, de acordo com as diretrizes adotadas pela legislação educacional e em unidades autônomas; e

II – horário de funcionamento que garanta a melhor assistência à criança e à sua responsável.” (NR).

Além do livro-reportagem iniciar com a temática “maternidade”, ele também é finalizado com este assunto, o que faz com que identifiquemos, novamente, a importância do fator “ser mãe” entre as histórias e observações narradas por Nana Queiroz. O último capítulo, *Dia das Mães*, é protagonizado por um menino que aparenta ter menos de sete anos de idade. Neste capítulo, Nana Queiroz narra uma das principais “saidinhas” das mulheres encarceradas, o Dia das Mães. A jornalista fica do lado de fora da Penitenciária Feminina do Butantã, em São Paulo, observando e aguardando suas interlocutoras, quando essa criança chama sua atenção. O menino está agarrado às grades esperando alguém, que parece ser muito amada por ele.

Neste capítulo, Nana Queiroz não só aborda a reinserção social das mulheres encarceradas, como narra aquele momento específico, em que diversas famílias aguardam suas

filhas, irmãs, mães e, em poucas vezes, esposas. Quando as presas conseguem o regime semiaberto, elas podem sair para trabalhar e voltam para o presídio para dormir. Quem não consegue emprego, pelo menos vai para casa nas “saidinhas”, que são cinco durante o ano: Páscoa, Natal/Ano Novo, Dia das Crianças, Dia dos Pais e Dia das Mães (QUEIROZ, 2022). “É uma maneira de fazer com que a reinserção social das presas seja gradual e monitorada, ou seja, caso se comportem mal ou voltem à vida antiga, a polícia estará observando de perto e pode puni-las, até aumentando sua pena”, afirma Nana Queiroz (2022, p. 287).

A jornalista também observa que a maioria do público que aguarda alguma parente é de avós, mães, irmãs e crianças pequenas, além de que “alguns têm peles muito claras, mas a grande parte oscila entre os mais diversos tons de marrom” (QUEIROZ, 2022, p. 288). Durante todo o tempo em que Nana Queiroz fica ali, o menino aguarda a sua mãe. Passa mais de 45 minutos na mesma posição, aguardando. Até que a mulher tão aguardada por ele aparece:

“A mãe do nosso pequenino havia aparecido. Cruza um portão, outro. Ele observa estático seus movimentos, como se ela fosse uma aparição sobrenatural. [...] Fica com a cabeça escondida na barriga dela e os bracinhos ao redor do corpo, apertando-a bem forte. Em algum tempo a atenção da mãe se dispersa e ela começa a conversar com outras parentas, mas ele não se importa. Continua firme com o nariz colado em sua blusa. Quando cansa da posição, uns dez minutos mais tarde, ele prende a mão dela entre as duas mãozinhas juntas, com uma força que parece desproporcional para um menino daquele tamanho” (QUEIROZ, 2022, p. 291).

Na situação, a jornalista afirma que é perceptível o medo da criança de “perder” a mãe de volta: “por isso devia agarrá-la tão forte, como se pudesse impedir que a separação chegasse” (QUEIROZ, 2022, p. 292). Essa passagem intensifica ainda mais como a maternidade é uma personagem neste livro. Até porque, quando falamos sobre mulheres encarceradas, a maternidade vem junto. A partir do momento que uma mulher tem um filho, ela sempre será mãe. Diferente dos homens, que “podem” optar se querem ou não ser pais.

Por meio desta análise, percebemos o tamanho do envolvimento das jornalistas nas narrativas que constroem através das histórias que contam. O processo de desenvolvimento do livro-reportagem oferece liberdade e tempo de produção maiores às jornalistas, porque as profissionais possuem um amplo período para realizar a apuração, a investigação das histórias, as entrevistas e, por fim, podem se dedicar ainda mais para a escrita. E assim, conseguem olhar com mais calma e profundidade para histórias individuais como as que são narradas no livro analisado, como também para os principais assuntos que estão presentes na maioria dessas vivências. A maternidade em *Presos que Menstruam*, então, divide espaço nessas histórias únicas e diversas, sendo personagem na vida de uma mãe que luta pela guarda do filho e na vida de um filho que aguarda o retorno da mãe.

4.3 *SER MULHER* E A SUBJETIVIDADE NO LIVRO-REPORTAGEM

A existência da questão “*ser mulher*” mostra-se como algo intrínseco ao funcionamento do livro-reportagem *Presos que Menstruam*. Isso porque é impossível negar essa categorização, tendo em vista que o objetivo do livro é mostrar que existem mulheres dentro das penitenciárias brasileiras e, assim, relatar as histórias delas e o que passam, simplesmente, por serem mulheres. Nana Queiroz afirma já no *Prefácio* do livro-reportagem: “é fácil esquecer que mulheres são mulheres sob a desculpa de que todos os criminosos devem ser tratados de maneira idêntica. Mas **a igualdade é desigual quando se esquecem as diferenças**” (QUEIROZ, 2022, p. 19, grifo nosso).

A desigualdade de gênero vai além dos limites da liberdade. Está presente dentro das penitenciárias, como está presente em todos os lugares que as mulheres frequentam. E, infelizmente, não é algo que continua existindo somente porque o governo permite, mas sim porque vivemos em uma sociedade repleta de tabus e preconceitos. Como foi observado por Nana Queiroz no processo de construção do livro-reportagem:

Durante essas viagens ao submundo, descobri que não era apenas o governo que nos impedia de falar sobre o assunto. Tabus são mantidos, também, pelos que se recusam a falar sobre eles. E nós, enquanto sociedade, evitamos falar de mulheres encarceradas. Convencemos a nós mesmos de que certos aspectos da feminilidade não existirão se nós não os nomearmos ou se só falarmos deles bem baixinho. Assim, ignoramos as transgressões de mulheres como se pudéssemos manter isso em segredo, a fim de controlar aquelas que ainda não se rebelaram contra o ideal da ‘feminilidade pacífica’ (QUEIROZ, 2022, p. 18-19).

Quando esses assuntos são discutidos, normalmente, existe uma figura por trás que o traz à tona. Nesse caso, é a jornalista e escritora Nana Queiroz quem escolhe falar sobre mulheres encarceradas. E então, surgem os questionamentos dos motivos que levam um/a jornalista a escolher uma pauta ou, simplesmente, debater sobre um determinado assunto. A subjetividade está presente e explica isso, porque sempre teremos motivações para pautar movimentos ou assuntos que nos representam. Nana Queiroz sempre teve o movimento feminista como pauta em sua vida, na escolha da temática e no desenvolvimento do livro-reportagem em questão não foi diferente.

Sendo assim, neste capítulo analisamos a subjetividade presente no fator “*ser mulher*” entre a jornalista e as interlocutoras de *Presos que Menstruam*. Aqui, observamos as histórias narradas no livro-reportagem, trazendo um recorte de gênero e abordando experiências vividas pelas interlocutoras, enquanto mulheres, no Sistema Penitenciário Brasileiro. Como no sub-capítulo anterior, desenvolvemos um quadro de categorização para esta temática, dividindo-a pelas expressões utilizadas pela jornalista para abordar a questão “*ser mulher*” nas histórias

relatadas. O quadro carrega a cor roxa, a qual escolhemos ainda na leitura do livro por ser a cor mais utilizada pelo movimento feminista. Além disso, a categorização também traz uma divisão nas expressões por meio do sentimento que nos remete, seja positivo (cor vermelha) ou negativo (cor azul).

Quadro 2 – Categoria de análise: *ser mulher*

EXPRESSÕES	PERSONAGEM	CAPÍTULO/PÁGINA	PASSAGENS DO TEXTO	SENTIMENTO AO QUAL A EXPRESSÃO NOS REMETE
"a prisão é uma experiência em família para muitas mulheres"	Ieda (personagem secundária)	7/p.61	"[...] é gente esmagada pela penúria, de áreas urbanas, que buscam o tráfico como sustento. São na maioria negras e pardas, mães abandonadas pelo companheiro e com ensino fundamental incompleto"; "Os delitos mais comuns entre mulheres são aqueles que podem funcionar como complemento de renda"; "Os crimes cometidos por mulheres são, sim, menos violentos; mas é mais violenta a realidade que as leva até eles" .	Negativo
"chapinha"	Sem personagem específica	8/p.65	"Por favor, doutor, libera ao menos a chapinha!"	Positivo
"reconstruir seu mundo"	Gardênia	10/p.71	"Quando um homem é preso, comumente sua família continua em casa, aguardando seu regresso. Quando uma mulher é presa, a história corriqueira é: ela perde o marido e a casa, os filhos são distribuídos entre familiares e abrigos. Enquanto o homem volta para um mundo que já o espera, ela sai e tem que reconstruir seu mundo" .	Negativo
"a mulher está acostumada a enxergar a outra como rival"	Camila	14/p.97	Simone de Beauvoir afirma que "... cada mulher está acostumada a enxergar a outra como rival pela atenção e o amor masculinos. Já o homem costuma buscar o outro como cúmplice de suas conquistas, para validar sua masculinidade ao ir em prostíbulos, bares ou boates. Criar as mulheres para a competição seria uma estratégia da sociedade machista para dividi-las e mantê-las submissas. Nessas bases, desenvolveriam-se as	Negativo

			relações. Na cadeia, elas apenas seriam turbinadas pela tensão".	
"Madre Pelletier"	História sobre o presídio	20/p.131	<p>"A Penitenciária Madre Pelletier, de Porto Alegre, foi a primeira penitenciária feminina do Brasil. O dado curioso não é este, mas sim que ela foi fundada apenas em 1937, e não pelo Estado, mas por freiras da Igreja Católica"; "[...] 40% das mulheres eram vítimas de violência doméstica antes de serem encarceradas.</p> <p>Algumas delas, inclusive, eram obrigadas pelo marido a traficar"; "[...] no Madre Pelletier as próprias internas cozinham umas para as outras - e foi uma refeição simples, mas que eu comi com gosto. Um salão de beleza foi construído para que elas possam fazer cursos e cuidar da aparência, tratando, assim, da autoestima"; "A penitenciária ainda tem muitos problemas, como celas abafadas, sujas e sem ventilação, um ambiente dominado por ratos e as horríveis revistas vexatórias. Mas sente-se ali um clima de evolução que, infelizmente, separa o Madre Pelletier, neste momento, da história do resto do Brasil."</p>	Positivo
"opinião de gaioleiro"	Conversa de Nana Queiroz com um gaioleiro	25/p.156	<p>"Elas respeitam menos e são mais sujas também. Em penitenciária masculina, mulher não pode entrar de saia porque senão o chão reflete o que está por baixo. Já na feminina: uma sujeira!"; O gaioleiro pergunta para outro "- As mulheres, são mais sujas ou não são? - Oh, sim! Muitas delas têm depressão..."</p>	Negativo

<p>"As mulheres são menos organizadas, mais passivas"</p>	<p>Falta de estrutura das prisões</p>	<p>32/p.179</p>	<p>"Cada mulher recebe por mês dois papéis higiênicos [...] e um pacote com oito absorventes. Ou seja, uma mulher com um período menstrual de quatro dias tem que se virar com dois absorventes ao dia; uma mulher com um período de cinco, com menos que isso"; "As mulheres são menos organizadas, mais passivas. Lideram poucas rebeliões, menos atrativas para a imprensa por sua carência de agressividade. Matam menos na cadeia [...]. Normalmente, ficam em silêncio como outras Marias Aparecidas".</p>	<p>Negativo</p>
<p>"a mulher é mais corajosa que o homem em todos os sentidos"</p>	<p>Falta de estrutura nas penitenciárias</p>	<p>33/p.185</p>	<p>"- Mas é claro! Olha pra isso aqui! Falta muita <i>instrutura!</i> Eu posso ser analfabeta, mas sei bem que isso não é lugar digno de mostrar pra um jornalista!"; "Acho que a mulher é mais corajosa que o homem em todos os sentidos, ela enfrenta qualquer problema, qualquer desafio, acho que já está habituada a fazer isso fora da cadeia"; "[...] esse castigo a vida já deu pra elas. Quase nenhuma recebe visitas".</p>	<p>Negativo</p>
<p>"casa das presas ilustres e rejeitadas pelo crime"</p>	<p>Penitenciária do Tremembé</p>	<p>35/p. 195</p>	<p>"A Penitenciária do Tremembé foi planejada para homens. Seus banheiros são masculinos, suas instalações são masculinas, seus uniformes são masculinos. E, mesmo assim, observando só a estrutura, é impossível não notar que ela é habitada por mulheres"; "É casa das presas ilustres e rejeitadas pelo crime. É o último recurso de toda detenta em risco de vida. E também um presídio mais disciplinado que os demais".</p>	<p>Negativo</p>
<p>"a mulher é fiel ao homem e ele não é fiel à mulher"</p>	<p>Visitas íntimas às mulheres</p>	<p>45/p.231</p>	<p>"Nos presídios masculinos, entendeu-se que, direito ou benefício, a visita íntima deveria ser concedida - afinal, não pensavam em maneiras mais eficientes de conter o 'natural instinto violento masculino' do que saciando 'o incontrolável impulso sexual intrinsecamente masculino'"; "Fizeram levantamentos, separaram o local, traçaram as regras. - Quando se conseguiu esse direito: cadê os homens"; "Não existe parceiro que se submeta à vergonha da revista</p>	<p>Negativo</p>

			<p>íntima, que vá e mantenha a relação afetiva. Nossa sociedade é simplesmente (ainda) assim: a mulher é fiel ao homem e ele não é fiel à mulher. Logo, arruma outra lá fora e deixa de ir".</p>	
"o ninho de amor delas"	<p>Espaço onde acontecem as visitas íntimas</p>	46/p.239	<p>"[...] Quase ninguém usa isso aqui... os homens não vêm visitar."</p>	Negativo
"nos presídios masculinos, os laços são criados por facções; nos femininos, pelo casamento"	<p>Homossexualidade nas penitenciárias femininas</p>	51/p.249	<p>"Nos presídios masculinos, os laços mais fortes de lealdade são os criados pelas facções; nos femininos, pelos casamentos. E esse companheirismo extrapola a proteção e se estende para todos os campos da sobrevivência, inclusive aos bens materiais"; "Existem funcionários que repreendem os casos, torcem o nariz e dão as envolvidas apelidos maldosos como 'chupa-cabras'. Independentemente da opinião de cada empregado, o posicionamento oficial tem sido, há muitos anos, o de fazer um registro de má conduta no prontuário da presa que for pega em tal flagrante (em relações afetivas com outra mulher)".</p>	Positivo
"amor em espaços de cólera"	<p>História do casamento de Fabiana e Fabrícia, primeira união civil de duas mulheres no Rio Grande do Sul</p>	52/p.257	<p>"O casamento das duas foi a primeira união civil de duas mulheres presas do Rio Grande do Sul e, ao que sabemos, do Brasil"; "Fabrícia andava muito doente. Além disso, ela corria o risco de perder a guarda do filho mais velho. Mas, quando fica muito difícil e ela sente vontade de chorar, Fabiana pega em sua mão e diz: - Não se preocupa, meu tudão, vai ficar tudo bem. E Fabrícia olha pra ela e sabe que é verdade".</p>	Positivo

Fonte: elaborado pela autora.

O quadro da categorização “ser mulher” é a que mais traz conteúdo (em termos de quantidade). Isso porque, como a “maternidade”, é um fator de extrema importância quando

estamos analisando a diferença de gênero na questão penitenciária. Desse modo, dos 59 capítulos do livro-reportagem, identificamos treze que tratam principalmente sobre questões de gênero e do “ser mulher”. Nesses treze capítulos, podemos encontrar pelo menos quatro situações que abordam algo positivo voltado à realidade das mulheres encarceradas.

Da mesma forma que o sub-capítulo anterior desta pesquisa, aqui temos histórias que, apesar de terem seus momentos tristes, trazem sentimentos positivos ao observar as expressões que nos chamaram a atenção. Já na primeira expressão, “*chapinha*”, percebemos quanto a aparência e a autoestima são importantes para as mulheres. Neste capítulo, Nana Queiroz evidencia um comentário de uma detenta, enquanto anda pela penitenciária: “Por favor, doutor, libera ao menos a chapinha!” (QUEIROZ, 2022, p. 65). Na sequência, temos o capítulo 20 que conta a história do Presídio Estadual Feminino Madre Pelletier, localizado em Porto Alegre/RS. A expressão “*Madre Pelletier*”, apesar de ainda ter falta de estrutura, remete a sentimentos positivos, pois “sente-se ali um clima de evolução que, infelizmente, separa o Madre Pelletier, neste momento, da história do resto do Brasil” (QUEIROZ, 2022, p. 134).

O capítulo 51 traz a sentença “*nos presídios masculinos, os laços são criados por façções; nos femininos, pelo casamento*”, abordando histórias de detentas que se encontraram e se identificaram por meio da homossexualidade, quando os relacionamentos possuem o poder da companhia e da compreensão. Como afirma Nana Queiroz, “esse companheirismo extrapola a proteção e se estende para todos os campos da sobrevivência, inclusive aos bens materiais” (QUEIROZ, 2022, p. 252). Por fim, a expressão “*amor em espaços de cólera*” (capítulo 52) conta sobre a primeira união civil de duas mulheres presas no Rio Grande do Sul, Fabiana e Fabrícia. E aqui, podemos perceber o companheirismo e o amor presentes em um espaço de solidão: “Fabrícia andava muito doente. Além disso, ela corria o risco de perder a guarda do filho mais velho. Mas, quando fica muito difícil e ela sente vontade de chorar, Fabiana pega em sua mão e diz: - Não se preocupa, meu tudão, vai ficar tudo bem. E Fabrícia olha pra ela e sabe que é verdade” (QUEIROZ, 2022, p. 260).

O restante dos capítulos mencionados no quadro de categorização, sendo nove num total, tratam de questões básicas de sobrevivência das mulheres encarceradas, que ainda faltam e todos os preconceitos enrustidos nos comentários e tratamentos que elas recebem dentro das penitenciárias. Dessa forma, as nove expressões que observamos no quadro de categorização, divididas pela cor azul, nos remetem a sentimentos considerados negativos.

Dessas nove expressões ou sentenças elencadas como negativas, temos três que se sobressaem. A primeira delas está no capítulo sete, “*a prisão é uma experiência em família para muitas mulheres*”, que aborda sobre os crimes mais cometidos por mulheres e a diferença

existente entre os gêneros. Assim, por meio da história de Ieda (personagem alternativa), Nana Queiroz evidencia que a maioria dos crimes cometidos por mulheres são para complementar a renda, concluindo que “os crimes cometidos por mulheres são, sim, menos violentos; mas é mais violenta a realidade que as leva até eles” (QUEIROZ, 2022, p. 63).

O capítulo dez traz a história de Gardênia, por meio da expressão “*reconstruir seu mundo*”. Aqui podemos perceber, de forma escancarada, a diferença que existe entre uma mulher e um homem preso:

Quando um homem é preso, comumente sua família continua em casa, aguardando seu regresso. Quando uma mulher é presa, a história corriqueira é: ela perde o marido e a casa, os filhos são distribuídos entre familiares e abrigos. **Enquanto o homem volta para um mundo que já o espera, ela sai e tem que reconstruir seu mundo** (QUEIROZ, 2022, p. 77, grifo nosso).

Por fim, a expressão “*as mulheres são menos organizadas, mais passivas*” (capítulo 32) nos mostra a tamanha falta de estrutura que existe nos presídios femininos, e isso é um dos motivos desse capítulo chamar a atenção em meio aos outros elencados. Muitos dos direitos dos homens presos são os mesmos para o tratamento com as mulheres presas, mas é meio óbvio que existe uma diferença de necessidades aqui. E isso pode ser observado por meio das passagens do livro:

Em geral, cada mulher recebe por mês dois papéis higiênicos (o que pode ser suficiente para um homem, mas jamais para uma mulher, que o usa para duas necessidades distintas) e um pacote com oito absorventes. Ou seja, uma mulher com um período menstrual de quatro dias tem que se virar com dois absorventes ao dia; uma mulher com um período de cinco, com menos que isso (QUEIROZ, 2022, p. 182).

Nana Queiroz também aborda que, muitas vezes, as mulheres não se rebelam por essas questões, sendo menos organizadas entre elas, e mais passivas. Assim, aguentam tudo o que passam em silêncio, como se fosse algo normal para todas as pessoas. A situação não muda, independentemente se a pessoa está livre ou encarcerada, sempre existem correntes que nos prendem.

Nesse sentido, podemos afirmar que o fator “ser mulher” aparece em pelo menos treze capítulos do livro-reportagem, os quais foram elencados por valores de maior importância. Porém, se observarmos a temática central do livro, sabemos que já foi escrito, justamente, para levantar o debate sobre as mulheres encarceradas e as questões de gênero presentes nesse universo. O que já pode ser percebido no título do livro-reportagem, já abordado aqui, *Presos que menstruam: a brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras*. Só aí já existe uma antecipação da temática que será abordada, principalmente, no que vem depois dos dois pontos.

Além disso, é possível perceber que a subjetividade está presente, tanto na escolha da temática quanto na construção do livro. Isso porque, como já apresentamos no capítulo de métodos de pesquisa, Nana Queiroz sempre esteve no movimento feminista. Ela foi a autora do movimento #EuNãoMereçoSerEstuprada e seus livros sempre carregam essa temática. Um exemplo é a sua última obra “*Os meninos são a cura do machismo*” (2021), onde aborda uma educação feminista para crianças e traz dicas do que aplica com seus filhos.

As reflexões sobre a objetividade jornalística são feitas há muito tempo. Fabiana Moraes (2022), uma das autoras mais recentes que busca a reflexão das práticas jornalísticas e promove um debate sobre novas formas do fazer jornalístico, aborda que, ainda em 2009, a objetividade já era colocada como objeto de análise, por meio do livro *Jornalismo, conhecimento e objetividade*, de Liriam Sponholz. Assim, segundo Moraes (2022) o termo da subjetividade vem sendo discutido entre jornalistas e acadêmicos, apesar de ainda existir um medo de “fugir” do clássico jornalismo objetivo e neutro.

Primeiro, desconfiados, jornalistas e acadêmicos reiteram a importância da objetividade como a Grande Mão que conduz de maneira muito neutra a nau da informação. Depois, até assumem a possibilidade da subjetividade, mas sempre como uma espécie de penduricalho que pode ser tolerado apenas na medida em que, cientes do “perigo”, adotamos todos os procedimentos para tornar sua existência menor e mais efêmera (MORAES, 2022, p. 96).

Moraes (2022) ainda afirma que para um bom jornalismo é necessário utilizar-se tanto da objetividade, quanto da subjetividade, pois sem as duas não se faz jornalismo. Ou seja, para uma boa produção jornalística é necessário reunir alguns elementos básicos da objetividade, como apuração, checagem, entrevistas, levantamento de dados e manutenção do que foi dito ou revelado (MORAES, 2022). O que é criticado na objetividade é a falta de reflexão da realidade, do que acontece ao nosso redor, é “a objetividade calcada em um modelo de racionalidade binária que dispensa a complexidade cotidiana e silencia milhões” (MORAES, 2022, p. 97).

Nesse sentido, muitas vezes a subjetividade precisa estar presente no fazer jornalístico, para que as diversas complexidades da sociedade possam ser elencadas e abordadas. Como podemos ver nas análises, Nana Queiroz (2022) sempre utilizou dos elementos da objetividade para construir o livro-reportagem. A diferença está na construção da narrativa, a forma como ela direciona o olhar do leitor para cada personagem, as pautas que ela decide abordar e, logicamente, as denúncias que, de uma forma ou de outra, são feitas por meio dos relatos.

Com isso, percebemos que, muitas vezes, é bem mais fácil fazer um jornalismo completamente calcado na objetividade. Até porque, dói olhar para as desigualdades na sociedade à nossa volta e é difícil proporcionar uma leitura de reflexão da realidade e do mundo num geral. Então, é bem mais simples continuar “amolando a faca” (MORAES, 2022) e

fazendo a mesma coisa que o restante dos profissionais. Mas, nem sempre, é o melhor caminho, cabe a cada jornalista decidir qual impacto quer causar no mundo.

4.4 AS DESIGUALDADES PRESENTES NA VIDA DAS PERSONAGENS

Diferente das outras temáticas abordadas na categorização proposta pela pesquisa, a desigualdade não é algo que possamos observar de forma tão aberta em uma primeira leitura. Na maioria das vezes, ela está "escondida" na narrativa das "obrigações" que cada mulher sente que tem, por exemplo, não aceitar nada que a família a mande, porque já estão alimentando e cuidando de seus filhos. Outras vezes, a desigualdade está claramente presente, ao observarmos os relatos das mulheres encarceradas que chegaram até o crime por não terem atendidas as suas necessidades básicas de sobrevivência.

Independente da forma como a desigualdade aparece nas histórias e relatos de cada mulher, normalmente é acompanhada de fatos que remetem a sentimentos negativos, como sofrimento, tristeza, pobreza, fome etc. Isso que queremos abordar e analisar neste capítulo: como a desigualdade está presente na vida das personagens de *Presos que Menstruam*, seja voltada para necessidades básicas de sobrevivência ou a desigualdade no tratamento com pessoas presas e seus familiares. Além disso, buscamos evidenciar novamente que, muitas vezes, a realidade das mulheres encarceradas é muito mais violenta, como já vimos nos quadros anteriores.

Dessa forma, desenvolvemos um quadro de categorização para esta temática também, na qual podemos observar as principais expressões e sentenças que surgem nos capítulos do livro que abordam, de uma forma ou outra, a desigualdade. Como nos sub-capítulos anteriores da pesquisa, o quadro também traz a personagem principal da história narrada, o capítulo onde se passa e as principais passagens do livro. Além disso, também dividimos as expressões por meio dos sentimentos que nos remetem, seja positivo (cor vermelha) ou negativo (cor azul). Esta categorização carrega a cor amarela por uma referência a Carolina Maria de Jesus, autora da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, que, em uma passagem do livro, relata que se pudesse dar uma cor a fome, daria a cor amarela.

Quadro 3 – Categoria de análise: *desigualdade*

EXPRESSÕES	PERSONAGEM	CAPÍTULO/PÁGINA	PASSAGENS DO TEXTO	SENTIMENTO AO QUAL A EXPRESSÃO NOS REMETE
"Ela respirou fundo, pensou no leite e foi assaltar"	Safira	Capítulo 1/p. 21	"[...] ela chegou em casa cansada e, com fome, e foi abrir os armários para cozinhar algo. Estavam vazios . As fraldas haviam acabado, o leite também. Ela ia buscar o seu bebê em minutos na casa da irmã. Imaginou o choro de fome dele"; "- Se eu não tenho nem o que comer dentro da minha casa! "; "Deu uma arma para Safira. Ela respirou fundo, pensou no leite e foi assaltar".	Negativo
"É gente esmagada pela penúria"	Ieda (personagem secundária)	Capítulo 7/p.61	"[...] é gente esmagada pela penúria, de áreas urbanas, que buscam o tráfico como sustento . São, na maioria, negras e pardas, mães abandonadas pelo companheiro e com ensino fundamental incompleto"; "Os crimes cometidos por mulheres são, sim, menos violentos; mas é mais violenta a realidade que as leva até eles ".	Negativo
"Agora sabe o que nós somos. Nada"	Socorro (personagem secundária) - como funciona o tratamento com familiares de presas	Capítulo 12/p. 85	"Um mínimo deslize e não importa quão cedo acordou para estar lá, está fora"; "[...] trata todos os presentes como crianças malcomportadas"; "A senhora a meu lado era faxineira e poderia ser demitida se atrasasse outra vez. Isso tampouco comoveu a mocinha, que cerrou a cara e o coração ".	Negativo
"Quanto sofrimento guardavam aqueles olhos"	Romina (personagem secundária) - caso de mulheres estrangeiras utilizadas como "mulas"	Capítulo 26/p. 157	"[...] três tipos de mulheres são usadas por essas redes de tráfico: as que foram completamente enganadas [...]; as que sabiam que praticavam um ato ilegal, mas se arriscaram pelo dinheiro (caso de Romina); e aquelas que são profissionais do crime. Surpreendentemente, são muito poucas as que fazem parte do terceiro grupo"; "[...] entre as 830 estrangeiras presas no Brasil	Negativo

			hoje, 97% respondem por ele".	
"Não é certo tirar dos meus três filhos pra dar pra mim"	Penitenciária de Sant'Anna	Capítulo 29/p. 167	"- Eu e meu marido estamos os dois presos há anos e eu não aceito nada que minha família mande. Não é certo tirar dos meus três filhos pra dar pra mim"; "[...] 58% das mulheres presas que trabalham enviam dinheiro para a família; entre os homens, o número é de 27%.	Negativo
"Alimento não tem no meio do lar"	Gardênia - poema que escreveu quando ficou em castigo por muitos dias	Capítulo 56/p. 277	"[...] Mas agora existe, quer se alimentar. E alimento não tem no meio do lar "; "Deseperada, decidi transgredir a lei que a formava. Passou a matar e também roubava"; "Seu filho, pelas droga, ia parecendo. No chão se jogou, em pranto e lamento. Se sentiu culpada pelo acontecimento, pois deveria estar lá em todos os momento ".	Negativo
"Nunca devia ter sido colocada na cadeia, mas abraçada"	Vanessa (personagem secundária)	Capítulo 57/p. 279	"Ela havia nascido na rua e se tornado pedinte na primeira infância para sustentar o vício da mãe em crack. Aos 7 anos, a mãe achou por bem introduzir a filha à sua maior alegria: etendeu-lhe o cachimbo, ensinou-a a acender a pedra e tragar"; " Vanessa não tinha tido metade das chances que a maioria ali havia encontrado na vida "; "- [...] E cadê a recuperação que ela mostrou pra gente? Acabou quando não tinha mais ninguém para apoiá-la. Esse é o medo".	Negativo

Fonte: elaborado pela autora.

O quadro da categoria *desigualdade* é a que menos tem conteúdo em quantidade, mas uma das que mais traz situações de sofrimento, diferenças e preconceito. Até porque, quando falamos sobre desigualdade social ou desigualdade na forma de tratamento de uma pessoa para outra, normalmente os relatos são de momentos que remetem a sentimentos considerados

negativos. Souza (2006) faz uma reflexão sobre a construção social da subcidadania, chegando a conclusão de que as desigualdades são naturalizadas dentro das sociedades, principalmente no Brasil. O autor afirma que a aceitação de situações precárias como legítimas e merecidas torna-se uma ferida profunda na sociedade, caminhando ao rumo do que ele chama de “naturalização da desigualdade” (SOUZA, 2006, p. 225).

Tendo isso em vista, podemos observar os argumentos do autor nos resultados construídos por meio da categorização desta pesquisa. Dos 59 capítulos do livro-reportagem, encontramos sete que falam sobre a temática da desigualdade. É um número baixo, em relação a quantidade total, mas evidencia realidades e situações violentas de cada mulher que está no livro, o que pode ser observado no fato de não existir nenhuma expressão elencada que remeta a algum sentimento considerado positivo, todas estão relacionadas a sofrimento de diferentes formas.

Dos sete capítulos em que identificamos elementos dessa terceira categoria, pelo menos cinco abordam a pobreza como um fator que fez as mulheres entrarem para o crime. Já no primeiro capítulo elencado, temos a história de Safira, que também apareceu no espaço dedicado à "maternidade", com a expressão “*ela respirou fundo, pensou no leite e foi assaltar*”. Apesar de sempre andar pelo caminho “correto”, Safira precisou recorrer ao crime por não ter nada para alimentar seus filhos e a si mesma: “[...] ela chegou em casa cansada e, com fome, e foi abrir os armários para cozinhar algo. **Estavam vazios**. As fraldas haviam acabado, o leite também. Ela ia buscar o seu bebê em minutos na casa da irmã. Imaginou o choro de fome dele” (QUEIROZ, 2022, p. 28, grifo nosso).

Na sequência, a expressão “*é gente esmagada pela penúria*” conta a história de Ieda (personagem alternativa), que apareceu no espaço dedicado à categoria “*ser mulher*”. Neste capítulo, Nana Queiroz evidencia que a realidade que leva as mulheres para o crime é mais violenta e, normalmente, “[...] **é gente esmagada pela penúria, de áreas urbanas, que buscam o tráfico como sustento**. São, na maioria, negras e pardas, mães abandonadas pelo companheiro e com ensino fundamental incompleto” (QUEIROZ, 2022, p. 62-63, grifo nosso). A expressão “*quanto sofrimento guardavam aqueles olhos*” (capítulo 26) traz mais uma história que mostra o fato da pobreza ter levado pessoas a cometer crimes. Nesse caso, temos o relato de Romina (personagem alternativa), estrangeira que aceitou transportar uma quantidade de drogas ilícitas do Paraguai ao Brasil, o famoso crime intitulado como *mula* e que está presente, em números exorbitantes, entre essas mulheres: “[...] entre as 830 estrangeiras presas no Brasil hoje, 97% respondem por ele (crime de mula)” (QUEIROZ, 2022, p.160).

Já a expressão “*alimento não tem no meio do lar*” (capítulo 56) traz um poema escrito por Gardênia em um castigo de muitos dias que pegou. Nesse poema, ela evidencia o fato da pobreza e de não ter o que comer, levar a pessoa a cometer crimes, além das consequências que pode vir a ter. Nana Queiroz traz o poema no livro-reportagem da forma exata que Gardênia o escreveu, por isso existem alguns erros de concordância e escrita:

“Maria sofrida se põe a pensar:
Em meio à cidade está o seu lar.
A cidade é grande e também popular,
Quem sabe alguém poderá lhe ajudar?
Num canto da casa, um berço está,
Contendo seu filho que se põe a chorar.
Pois sabia que o pranto dá dó de pensar...
Vem indesejado, não foi por amar,
Mas agora existe, quer se alimentar
E alimento não tem no meio do lar.
Desesperada, decidiu transgredir a lei que a formava
Passou a matar e também roubava.
Meses depois, aparece entre as grades um rosto desigual
Para ela, agora, a cadeia era um final.
Dois dias depois uma carta chegou,
Era de uma vizinha, que com ela se preocupou:
‘Não temas, Maria’ - e assim a confortou
E a partir desse dia, de seu filho cuidou.
Doze anos depois, o seu nome escutou
A guarda chamava. Correu e parou.
‘O que você tanto esperava, agora chegou’
O portão se abriu e a libertou.
Chegando em casa, uma cena a aterrorizou:
Sua casa, com faixas, os guarda fechou.
Desesperada, pulou o isolamento
Entrando em casa, o maior tormento:
Seu filho, pelas droga, ia perecendo
No chão se jogou, em pranto e lamento.
Se sentiu culpada pelo acontecimento,
Pois deveria estar lá em todos os momento.
Maria sofrida e seu sofrimento”
(QUEIROZ, 2022, p. 277-278).

Por fim, o último capítulo que trata sobre essa subdivisão da desigualdade traz a expressão “*nunca devia ter sido colocada na cadeia, mas abraçada*” (capítulo 57), que conta a história de Vanessa (personagem alternativa) por meio dos relatos de Julia, que a acompanhou por muito tempo dentro da prisão. Vanessa nasceu na rua, sua mãe era viciada em crack e quando a menina fez sete anos compartilhou a pedra com ela. Queiroz (2022, p. 280) aborda que “Vanessa não tinha tido metade das chances que a maioria ali havia encontrado na vida”, e aqui podemos observar a desigualdade escancarada. Devido a isso, Julia afirma que sua colega de cela - e amiga - não deveria ter sido presa, e sim abraçada e acolhida para que pudesse ter a chance de sonhar e conquistar seus sonhos.

Continuando uma análise a partir do quadro de categorização, observamos mais duas expressões encontradas, que, apesar de tratarem sobre um mesmo tema central, possuem suas individualidades e diferenças. Já no capítulo doze, encontramos a expressão “*agora sabe o que nós somos. Nada*”, onde Nana Queiroz descreve um dia de visitas a penitenciária. A autora queria visitar a penitenciária enquanto amiga de presa, buscando analisar o que mudaria no tratamento com ela e os demais. Ali percebeu que não existe empatia, compaixão ou compreensão quando se trata de familiares e amigas de presas, como Queiroz (2022, p. 87) mesmo diz, “um mínimo deslize e não importa quão cedo acordou para estar lá, está fora”.

A autora também conta que, ao final da visita, não pode retornar para fora da penitenciária, junto aos demais, no primeiro turno (às 12h), teriam que aguardar até as 15h para ter sua liberdade de volta. E, mesmo tentando dialogar com as pessoas que trabalhavam lá, não houve compreensão e muito menos empatia. Como evidencia nas passagens do capítulo: “a senhora a meu lado era faxineira e poderia ser demitida se atrasasse outra vez. **Isso tampouco comoveu a mocinha, que cerrou a cara e o coração**” (QUEIROZ, 2022, p. 90, grifo nosso).

Por fim, a última expressão que temos em nosso quadro está no capítulo 29 do livro, “não é certo tirar dos meus três filhos pra dar pra mim”. Aqui, observamos a preocupação que existe entre as mulheres encarceradas quando se trata de seus filhos e quem está os cuidando. Uma das mulheres com quem Nana Queiroz conversa, na penitenciária de Sant’Anna, mostra essa inquietação quando afirma: “– Eu e meu marido estamos os dois presos há anos e eu não aceito nada que minha família mande. Não é certo tirar dos meus três filhos pra dar pra mim” (QUEIROZ, 2022, p. 170). Surpreendente e aparentemente, essa é uma inquietação apenas das mulheres, visto que 58% delas, que trabalham dentro das prisões, enviam dinheiro para a família, enquanto somente 27% dos homens, na mesma situação, fazem isso (QUEIROZ, 2022).

Observando essas expressões e cada experiência vivida pelas interlocutoras e narradas no livro, podemos afirmar que a existência das mulheres encarceradas é algo que deve ser visto com a maior empatia que podemos ter, porque jamais saberemos o que aquela pessoa que é julgada já passou. Quando afirmamos isso, não estamos dizendo que todas as pessoas que cometeram crimes devem ser perdoadas. Pelo contrário, cada um deve pagar pelo o que foi julgado e condenado, considerando todas as provas e uma realidade justa. Entretanto, essas mulheres já estão pagando pelo o que fizeram (e também por aquilo que não fizeram), não cabe a nós, pessoas leigas, julgá-las e condená-las ainda mais. É por isso que Nana Queiroz primeiro apresenta a pessoa para depois dizer “o que ela fez para merecer o castigo”. Também existem sentimentos, bondade, amor, sonhos, objetivos por trás do que cada pessoa já fez na vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorrendo os debates sobre narrativas jornalísticas, livros de repórter e livros-reportagem, este estudo teve como temática a escolha da pauta e os métodos de apuração e de escrita jornalística adotados pelas jornalistas no processo de produção de livros-reportagem. O nosso foco foi o livro *Presos que Menstruam: a brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras*, escrito pela jornalista Nana Queiroz. Por meio dele, buscamos, primeiramente, compreender as práticas jornalísticas adotadas pela autora na escolha da pauta, no método de apuração e na forma da construção da escrita do livro. Além disso, procuramos debater, por meio da pesquisa, sobre a situação carcerária feminina no Brasil, analisando os relatos de diversas mulheres que vivem nessa realidade de direitos e necessidades esquecidas.

Com a pesquisa, nos atentamos a responder uma dúvida recorrente em nossas vidas, enquanto jornalistas, buscando compreender a prática dos jornalistas pela pauta, pelo método de apuração e pela escrita dos livros-reportagem. Para isso, construímos um caminho a ser percorrido pelos objetivos específicos, que são divididos em alguns passos: (1) Compreender como os livros-reportagem ou livros de repórter são construídos a partir das práticas das jornalistas pela pauta, método e escrita; (2) Analisar narrativamente o livro *Presos que Menstruam: a brutal vida das mulheres – tratadas como homens – nas prisões brasileiras*; (3) Entender as escolhas de Nana Queiroz, desde a pauta até o processo de apuração e escrita do livro-reportagem, evidenciando a presença da subjetividade e a importância da temática abordada.

Tendo isso em vista, articulamos a *Análise de Conteúdo* (AC), embasada nas proposições de Bardin (1977, 2011), para entender o processo de construção do livro-reportagem *Presos que Menstruam*, construindo e observando os dados. Para isso, realizamos uma leitura minuciosa do objeto de estudo, categorizando-o em temáticas que mais apareceram durante este processo: *maternidade*, *ser mulher* e *desigualdade*. Organizamos cada temática em quadros de categorização, que apresentam as expressões utilizadas por Nana Queiroz para abordar cada assunto, seguido da personagem da história, do capítulo/página e das passagens dos relatos.

Com os quadros apresentados no capítulo quatro, pudemos observar a presença de cada temática dentro do livro analisado. Assim, realizamos mais uma divisão, categorizando as

expressões em dois fatores: sentenças que remetem a sentimentos considerados positivos e a sentimentos considerados negativos. Fizemos isso para poder observar as realidades que estamos abordando e para poder construir melhor o debate, criando os dados a serem analisados e compreendendo como cada assunto é relatado no livro-reportagem.

No gesto de leitura do livro, voltamos ao problema de pesquisa, que busca entender a escolha das práticas jornalísticas por meio da pauta e do método de apuração e de escrita na construção dos livros-reportagem. Além de abordarmos práticas específicas em cada categorização das temáticas do livro, também desenvolvemos um sub-capítulo voltado à discussão dos aspectos que o problema de pesquisa em si apontava. Analisamos e buscamos entender o que movimentou o processo de escolha da pauta, os métodos de apuração existentes e as formas de construir a escrita por meio de uma análise das práticas adotadas pela jornalista Nana Queiroz, que são narradas em diversas passagens do livro.

Caminhando pelos objetivos traçados no início desta pesquisa, percebemos que conseguimos alcançá-los por meio da análise. Em relação ao primeiro objetivo específico: compreender como os livros-reportagem ou livros de repórter são construídos a partir das práticas das jornalistas pela pauta, método e escrita, concluímos que cada profissional do jornalismo constrói as suas próprias práticas, desde a escolha da pauta até os processos de apuração e escrita, tendo em vista que o livro-reportagem dá mais liberdade de produção aos jornalistas.

O segundo passo da pesquisa foi analisar narrativamente o livro *Presos que Menstruam: a brutal vida das mulheres – tratadas como homens – nas prisões brasileiras* e, assim, concluímos que a obra foi uma das primeiras em seu formato a abordar as mulheres encarceradas e que permite diversas formas de leitura e entendimento de cada relato, não havendo brechas que dificultam a compreensão. Por fim, o último objetivo foi entender as escolhas de Nana Queiroz, desde a pauta até o processo de apuração e de escrita do livro-reportagem, e aqui, reiteramos o fato de que cada jornalista adota os métodos e práticas ideais para si. No caso da produção de Nana Queiroz, um exemplo é a forma como ela constrói a escrita do livro-reportagem, dando uma liberdade de escolha ao leitor em relação à forma como irá conhecer os relatos das interlocutoras.

Ao final da pesquisa, podemos considerar que o livro-reportagem *Presos que Menstruam: a brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras* mostra um caminho relevante e pertinente para o jornalismo, como diversos outros livros escritos por jornalistas vêm mostrando também nos últimos anos. Um caminho em que as pessoas são vistas como seres humanos, antes de serem fontes. Um caminho em que a apuração é realizada com

calma e serenidade, sem perder o compromisso com a precisão, buscando sempre o melhor resultado. Um caminho em que os jornalistas deixam o sensacionalismo de lado, para contar histórias reais. Um caminho que já vem sendo trilhado há alguns anos por grandes nomes do jornalismo, como Fabiana Moraes, Eliane Brum, Caco Barcellos.

Apesar do livro-reportagem *Presos que Menstruam* ter sido lançado em 2015, ainda mostra uma carência em relação a pesquisas sobre assuntos específicos que o livro aborda. Ao realizar este estudo, lendo, analisando e observando as diversas temáticas abordadas no livro, percebemos alguns assuntos que ainda podem ser pesquisados. A maternidade entre as mulheres encarceradas é um assunto que gera muita pesquisa e debate, pois muitas mães perdem a guarda de seus filhos diariamente sem nem ter a oportunidade de lutar por isso. Além disso, temos a questão da justiça, que já aparece em alguns debates, como no podcast da Rádio Novelo, *Crime e Castigo*, refletindo sobre o que é justiça e a quem cabe “julgar” outra pessoa. Esses assuntos surgem no livro e despertam um interesse em relação a pesquisa, buscando trazer ainda mais relatos e histórias para serem narrados.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Pablito. **Almoço: uma conversa com Eliane Brum**. 1. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2022.
- ALVES, Hellen Virginia da Silva. Quem são as mulheres encarceradas na penitenciária estadual feminina de Rondônia? Uma análise de gênero sobre o perfil da população carcerária feminina. **Revista Formação (online)**, v. 25, n. 45, maio-ago, 2018, p. 231-250.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL. **Lei nº 11.942, de 28 de maio de 2009**. Dispõe de condições mínimas de assistência às mães presas e aos recém-nascidos e altera a Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Brasília, DF, 28 mai. 2009. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11942.htm>. Acesso em: 16 abril. 2023.
- CNN Brasil. **Brasil ultrapassa Rússia e se torna país com 3º maior número de mulheres presas**. São Paulo: CNN Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-ultrapassa-russia-e-se-torna-pais-com-3-maior-numero-de-mulheres-presas/#:~:text=O%20Brasil%20C3%A9%20o%20pa%C3%ADs,R%C3%BAssia%2C%20que%20tem%2039.120%20encarceradas>>. Acesso em: 9 nov. 2022.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. University of California, Los Angeles. Estudos Feministas, 2002.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- FONSECA, João José Saraiva da. A natureza da pesquisa científica. In: __. **Metodologia da pesquisa científica**. Ceará: UECE, 2002. cap. 2. Disponível em: <<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2022.
- FURTADO, Thaís. Pauta. In: ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges. **Tópicos em jornalismo: redação e reportagem**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2021.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia (orgs). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2019.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MAROCCO, Beatriz. **Ações de resistência no jornalismo**: “Livro de repórter”. Florianópolis, SC: Insular, 2016.

MAROCCO, Beatriz. **Os “livros de repórteres”, o “comentário” e as práticas jornalísticas**. CONTRACAMPO. Universidade Federal Fluminense, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. n° 22. Niterói, RJ: fev. 2011.

MAROCCO, Beatriz. **O jornalista e a prática**: entrevistas. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2012.

MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela; SILVA, Marcia Veiga da (orgs). **Livro de repórter**: autoralidade e crítica das práticas. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2019.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. 1. ed. Porto Alegre [RS]: Arquipélago, 2022.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy**: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. 1. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Narrativas jornalísticas e conhecimento de mundo: representação, apresentação ou experimentação da realidade?. In: PEREIRA, Fábio Henrique; MOURA, Dione Oliveira; ADGHIRNI, Zélia Leal (orgs.). **Jornalismo e sociedade**: teorias e metodologias. Florianópolis: Insular, 2012. p. 219-241.

NEAB, Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Audre Lorde**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2016. Disponível em: < <https://www.ufrgs.br/neab/index.php/2016/09/27/847/>>. Acesso em: 09 dez. 2022.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Programa Diferente. **Presos que Menstruam, Nana Queiroz**. 2015. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C2UO8JtLDhM&t=3s>. Acesso em: 9 nov. 2022.

QUEIROZ, Nana. **Presos que menstruam**: a brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. In: **CONTRACAMPO: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação**. Niterói: Instituto de Arte e Comunicação Social, 2005. p. 85-101.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCHNEIDER, Sabrina. **Ficções sujas**: por uma poética do romance-reportagem. Tese. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2013.

SCHWAAB, Reges. Entrevista como método. In: ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges. **Tópicos em jornalismo**: redação e reportagem. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2021.

SILVA, Terezinha. Os atos de escolha na apuração jornalística. In: SILVA, Gislene; VOGEL, Daisi; SILVA, Terezinha. **Apuração, redação e edição jornalística**. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2022.

SISDEPEN. **Dados estatísticos do Sistema Penitenciário**. Brasil. Jan a jun. 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/depen/pt-br/servicos/sisdepen>>. Acesso em: 12 abril. 2023.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: volume I. 2. ed. Florianópolis, SC: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: volume II. 2. ed. Florianópolis, SC: Insular, 2008.

VEIGA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, 2010.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos Direitos da Mulher**. Tradução Celina Vergara. São Paulo: Lafonte, 2021.